

FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO



Relatório de Estágio Profissional

Reflexões em torno de um ano de PRÁTICA

Autor: Pedro Antero de Sousa Pereira

Orientadora: Professora Doutora Felismina Pereira

Julho 2010

Relatório de Estágio Profissional:
Reflexões em torno de um ano de PRÁTICA

Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, pelo Decreto-Lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro.

Relatório de Estágio

Mestrado:

Pereira, P. A. S. (2010). *Título: **Relatório de Estagio Profissional: Reflexões em torno de um ano de PRÁTICA*** Porto: Junho 2010, P. Pereira. Relatório de Estágio profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-chave: Educação Física; Professor; Complexidade; Escola; Ensino; Cursos de Educação e Formação (CEF).

Dedicatória

A ti meu Avô, pela tua genialidade rara. Comigo para sempre.

**As coisas vulgares que há na vida
Não deixam saudades
Só as lembranças que doem
Ou fazem sorrir**

**Há gente que fica na história
da história da gente
e outras de quem nem o nome
lembramos ouvir**

**São emoções que dão vida
à saudade que trago
Aqueles que tive contigo
e acabei por perder**

**Há dias que marcam a alma
e a vida da gente
e aquele em que tu me deixaste
não posso esquecer**

**A chuva molhava-me o rosto
Gelado e cansado
As ruas que a cidade tinha
Já eu percorrera**

**Ai... meu choro de moça perdida
gritava à cidade
que o fogo do amor sob chuva
há instantes morrera**

**A chuva ouviu e calou
meu segredo à cidade
E eis que ela bate no vidro
Trazendo a saudade**

Chuva, Mariza, Composição: Jorge Fernando

Obrigado Antónia.

Agradecimentos

Aos meus **PAIS** pelo exemplo de Educação e modo de estar na vida. Pela condução durante estes anos todos. Pelo sacrifício que constitui dar uma vida melhor aos filhos numa conjectura que é o nosso país. Por terem sido feirantes e me terem criado num meio tão social como são as feiras. A eles devo tudo do fundo do coração. **OBRIGADO PELA AJUDA NA CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO.**

Aos meus dois irmãos **Nelson e Hugo** e também á minha irmã **Carla**, pois sempre que o comboio esteve para descarrilar o aguentaram. Ao Nelson como o melhor jogador de Futebol do Mundo que me abriu o apetite para um Mundo interminável de emoções, para mim serás sempre o melhor. **OBRIGADO POR TEREM TOMADO CONTA DE MIM, PELOS JOGOS DE RUA E DA COMPETITIVIDADE.**

Á **Antónia**, dizem que Saramago levou as palavras todas, no entanto mesmo que ele as tivesse deixado elas não chegariam para descrever tudo o que me vai cá dentro. Por me teres guiado e aconselhado quando me encontrava mesmo a desistir. Por estes 9 anos e meio. **TU ÉS A RESPONSÁVEL PELO INICIO E PELO FIM DESTA ETAPA. OBRIGADO.**

Ao meu **Avô** o qual não me canso de agradecer. Pelos princípios de justiça, igualdade, amor e amizade. Sem ti o mundo ficou reduzido a metade. **OBRIGADO POR TERES CONSTRUÍDO O PEDRO SOUSA. FICAS NO MEU CORAÇÃO PARA SEMPRE.**

Ao meu cunhado **Paulo** e á minha cunhada **Andreia** por todas as discussões acerca de educação que tanto nos fizeram berrar. Ao meu sobrinho **Daniel** e ao afilhado **Francisco** pelas suas respostas espontâneas, no fundo por mostrar a natureza humana. Á Simone pelas excelentes digitalizações. **OBRIGADO.**

Á Faculdade pela sua disponibilidade em acolher-me, em especial á **Prof. Felismina** pelos conhecimentos transmitidos, disponibilidade para ajudar e toda a orientação neste ano tão difícil. Existem poucos PROFESSORES assim. **OBRIGADO.**

Ao **Professor Fernando Vaz** por ter criado em mim uma imagem de uma escola positiva, e de uma profissão que é ser **PROFESSOR** diferente daquela que eu conhecia. Um exemplo humano dentro das organizações que tanto se pautam pela maquinaria e pelo investimento. Por tentar fazer daqueles alunos muito melhores. **OBRIGADO PROFESSOR.**

À minha turma **CEF PP9** que me deu imensas alegrias e despoletou em mim muitas reflexões. **MUITO OBRIGADO.**

Às equipas por mim orientadas no **USC Paredes, INICIADOS A e ESCOLAS C.** Porque existem meninos que ainda vale a pena ajudar. **OBRIGADO POR ME DEIXAREM EXPERIMENTAR SER TREINADOR DE FUTEBOL.** Aos meus colaboradores mais directos **Pedro Barroso, Pedro Machado, Zé Tó e Prof. Duarte**, exemplos de competência e conhecimentos extremos.

Ao **Zé Violas, Tó Zé e Serginho.** Na perfeita consciência que um dia seremos os melhores. Por não serem como a norma, pensarem profundo e discordarem de muitas coisas que eu fui dizendo. **AMIGOS OBRIGADO POR TUDO.**

Ao **Dario** pela amizade, capacidade de entreaajuda e de aconselhamento. **MUITO OBRIGADO**

Paulo PP, Nuno Nasa e Pedro Maia. O que é que eu vou dizer de vocês os três? Poderia citar todos os livros do mundo, utilizar todas as palavras que existem no entanto penso que seria em vão. Por isso vou só dizer **MUITO OBRIGADO, VOCÊS SABEM.**

Sr. Marinho e Nuno MUITO OBRIGADO, foram extremamente importantes.

E a todos aqueles que tornaram esta tese possível directa ou indirectamente.

Ao **Professor Vítor Frade. OBRIGADO PELA ABERTURA DE HORIZONTES.**

Índice Geral

Dedicatória.....	I
Agradecimentos.....	III
Índice Geral.....	V
Índice de tabelas.....	VII
Índice de figuras.....	IX
Resumo.....	XI
Abstract.....	XIII
1. Introdução.....	1
1.1. Prefácio.....	1
1.2. Caracterização geral do estágio e o(s) respectivo(s) objectivo(s).....	3
1.2.1. Escola E B 2,3 de Sobreira, escola sede do Agrupamento – Primeira realidade contextual.....	3
1.2.2. Educação.....	3
1.2.3. O grupo de Educação Física.....	4
1.2.4. A turma PP 9 – Segunda realidade contextual.....	4
1.3. Finalidade e Processo de Realização do Estágio Profissional e do Relatório de Estágio.....	5
2. Enquadramento biográfico.....	7
2.1. Identificação e percurso.....	7
2.1.1. Pedro pré faculdade – o vivenciar inconsciente do “EU”.....	8
2.1.2. Pedro <i>in</i> Faculdade – aquisição de uma CONSCIÊNCIA.....	10
2.1.3. O Pedro pós faculdade – expectativas e objectivos em relação ao estágio.....	12
3. Enquadramento da Prática Profissional.....	15
3.1. o que é (deve) ser (um) Professor – desenvolvimentos	15

4. Realização da prática profissional.....	23
4.1. Contextualizando.....	23
4.2. «A aula propriamente dita, a voz que treme».....	25
4.3. «a unidade didáctica (interpretação) e a Unidade Didáctica (complexidades), uma interpretação e a outra uma COMPLEXIDADE».....	26
4.4. Para uma interpretação de uma condição física ou de uma Condição física específica – Movimento intencional?.....	30
4.5. Os dois tipos de supervisão, pelo cooperante e pela supervisora (O DIA A DIA <u>vs</u> critérios da faculdade) – O primeiro desaparecimento.....	32
4.6. O Badmington, a Orientação o constatar de algo totalmente novo.....	35
4.7. Os dias especiais «Desporto Escolar; Corta Mato; Dia Wii FiT; Jornadas Pedagógicas».....	36
4.8. A aula de Educação Física e os alunos CEF – Estudo.....	41
4.8.1. Introdução.....	41
4.8.2. Metodologia.....	46
4.8.2.1. Caracterização da amostra.....	46
4.8.2.2. Metodologia de investigação.....	46
4.8.3. Resultados e Discussão.....	47
4.8.3.1. O Professor.....	47
4.8.3.2. A aula.....	48
4.8.3.3. O gosto pela aula de Educação Física.....	49
4.8.4. Considerações finais – Estudo.....	50
5. Considerações finais e perspectivas futuras.....	53
6 – Bibliografia.....	57
7 – Anexos.....	XV

Índice de tabelas

Tabela 1 – Unidade didáctica.....	27
Tabela 2 – Unidade didáctica, outra complexidade!.....	29

Índice de figuras

Figura 1 – Complexidades adoptado de Fortin, (2007, p. 128).....	27
Figura 2 – Proposta de uma problemática escolar.....	39
Figura 3 – “o cérebro a sentir admiração por outrem (A,B) e compaixão (C,D) por outrem” (Damásio 2010, p. 20).....	42
Figura 4 – Cubo de Necker (Punnet 2009, p. 399).....	54

Resumo

Este relatório foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação Física dos Ensino Básico e Secundário. Com o presente relatório pretendeu-se reflectir em torno de um ano lectivo com vários desafios, levado a cabo na Escola EB 2,3 de Sobreira na turma PP9 dos Cursos de Educação e Formação (CEF). Ao longo do relatório foram realizadas reflexões acerca dos momentos mais marcantes e também ideias para um possível crescimento. Também foi parte constituinte deste trabalho um ensaio acerca do papel do Professor. Foi ainda levado a cabo um estudo na turma PP9 do curso CEF, para tentar perceber o porquê do sucesso da disciplina de Educação Física. Verificou-se neste estudo que tanto o Professor de Educação Física como a disciplina em si possuem características muito específicas que lhes permitem motivar-se.

Palavras-chave: Educação Física; Professor; Escola; Ensino; CEF;

Abstract

This report was realized in ambit of a master ship of Physical Education of the Secondary and Basic School. With this present report was pretend to reflect around school year with different challenges, realized in PP9 class of the school EB 2,3 Sobreira of the courses Education and Formation (CEF). During this report were realized reflections around most important moments and ideas for a possible progress. This study had too an analyse around of teacher intervention. It will was elaborate a study in PP9 class of CEF for to understand the reasons the success of the Physical Education. It was concluded that Physical Education Teacher and this subject had characteristics more specifics that induced motivation.

Key words: Physical Education; Teacher; School; CEF; Teaching.

1 – Introdução

1.1 Prefácio

“Foi sempre necessário muito mais imaginação para
apreender a realidade do que para ignorá-la”

(Giraudoux, cit. por Frade 1985, p. 10)

Ao longo da nossa vida vamos percebendo que a mesma é feita de fases. Todos nascemos, temos uma fase em que somos bebés, depois crescemos, mais um pouco, e entramos para a escola. Após este ingresso na vida escolar passamos a ser confrontados com um processo, o processo de formação. Este processo é de facto extremamente importante pois é durante o mesmo que vamos inevitavelmente escolher o caminho para a nossa vida. Assim a Faculdade como fase terminal deste processo assume uma grande responsabilidade perante a sociedade. É necessário que a mesma regule a sua formação pela perspectiva holística, pois só assim é possível formar seres na sua plenitude. Para mim, foi o que sempre quis, ter um Curso Superior de uma das melhores Faculdades de Desporto do país.

Este foi o ano em que obrigatoriamente tivemos que colocar em prática os conhecimentos que fomos adquirindo ao longo da nossa vida estudantil. Por vezes formatados, outras vezes formados fomos sendo construídos para lidar com o processo do Estágio Profissional (EP). Este estágio surge no 2º ano do 2º Ciclo de estudos e visa a aquisição do grau de Mestre em Ensino Básico e Secundário. Em termos concretos o estágio consiste na atribuição de pelo menos uma turma em que a gestão do processo está nas nossas mãos. Neste caso a turma em questão foi a turma PP9 CEF da Escola EB 2,3 de Sobreira. Esta etapa do nosso percurso mostra-se extremamente importante, pois remete-nos para a realidade que é de facto ser Professor. Esta prática é sempre supervisionada pelo Professor Cooperante, neste caso Fernando Vaz, e periodicamente pela Supervisora Professora Felismina Pereira. A singularidade de cada processo resulta de um trabalho árduo que foi levado durante o ano lectivo 2009/2010. A necessidade de responder a todos os problemas faz com que haja um constante preocupar por parte do futuro Professor que tudo siga em cima de “carris”.

Ao longo deste Relatório é reportada a experiência ocorrida na Escola EB 2,3 de Sobreira, focando toda a atenção nas aulas de Educação Física (EF) do PP9, turma escolhida no âmbito do EP, parte integrante do 2º ano do Mestrado do 2ºciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário como já referimos.

Inicialmente e como forma de introduzir o problema, este trabalho é constituído por uma breve caracterização do estágio e dos seus respectivos objectivos. Esta caracterização tem em conta a Escola e o seu contexto, onde se desenvolveu todo o trabalho. A turma já acima referida e um enquadramento legal de todo o processo. Existe uma biografia do autor, de forma a conhecer melhor o mesmo. Dentro desta biografia foi abordada a sua identificação, o seu percurso e as suas expectativas em relação a todo o processo de estágio.

Como um dos temas centrais se posicionava na personagem que é o Professor, foi desenvolvido um ensaio centrado na profissão do gestor pedagógico que é o Professor. Mais adiante, e tendo em conta a realização da Prática Profissional, foi abordado nas diferentes áreas os momentos mais marcantes de todo um ano lectivo. No entanto, e reconhecendo toda a complexidade que engloba o real, muitos outros momentos existiram e não estão aqui referidos. Mas que não são de menos importância. Reconhecemos de facto a extrema importância a este ponto pois é ele que condiciona e baliza todo o processo de ensino-aprendizagem.

Por último realizamos um estudo com a pretensão de descobrir se a disciplina e o Professor de EF possuem características especiais. Este estudo é de particular importância pois obrigou a contactar com metodologias e tratamento de dados, reconhecendo que poderá ser útil no futuro.

1.2 Caracterização geral do estágio e o(s) respectivo(s) objectivo(s)

1.2.1 Escola E B 2,3 de Sobreira, escola sede do Agrupamento – Primeira realidade contextual

A acção educativa da escola é caracterizada, no quadro da sua autonomia, por uma filosofia de interacção e cooperação estabelecida entre os seus órgãos de gestão. A direcção da escola está delegada num Conselho Executivo, em concordância com a vontade expressa pela comunidade escolar.

Na escola, as actividades de articulação curricular são exercidas pela comunidade de docentes que integram cinco Departamentos – Departamento de Línguas, Departamento de Ciência Matemática, Departamento de Ciências Experimentais da Terra e da Vida, Departamento de Motricidade e Expressão e Departamento de Ciências Sociais e Humanas – que se subdividem em Áreas Disciplinares.

1.2.2 Educação

A educação constitui um dos domínios prioritários do Plano de Desenvolvimento Económico e Social de Paredes (PDESP). São diversos e complexos os problemas diagnosticados: baixos níveis de instrução da população, insucesso escolar, abandono precoce do sistema de ensino. Estes fenómenos associados à selectividade social da sua incidência, assumem, nos casos extremos de pobreza e exclusão social, proporções dramáticas. O PDESP estabelece um conjunto de prioridades municipais, que vão desde a modernização e ampliação das infra-estruturas e equipamentos educativos ao apoio e promoção das actividades pedagógicas e de ocupação dos tempos livres.

A educação e a preparação para a vida activa constituem a chave mestra do desenvolvimento económico e social. O conhecimento constitui a base de desenvolvimento sustentável das economias modernas, do progresso e coesão social. É uma condição indispensável para o exercício pleno da cidadania. Nesta certeza, o PDESP contempla para o domínio da educação como objectivos centrais a melhoria da qualidade da rede educativa municipal, a elevação do nível geral de educação da população e a introdução de práticas

de aprendizagem ao longo da vida, no quadro da participação e contributo locais para os objectivos nacionais e europeus relacionados com o desenvolvimento da sociedade do conhecimento.

1.2.3 O grupo de Educação Física

O grupo de EF é formado por 9 professores dos quais 2 são estagiários, da FADEUP. Sendo assim três Professores leccionam no 2º ciclo e seis, sendo dois deles os estudantes estagiários, leccionam no 3º ciclo.

1.2.4 A turma PP 9 – Segunda realidade contextual

Tendo sempre presente que existem pelo menos duas realidades em termos de contexto, ou seja, uma física/material e uma humana. Sendo assim pretende-se neste ponto discorrer muito brevemente acerca da turma em que foram leccionadas as aulas de EF.

Compreendemos então que a EF, como disciplina multifacetada, apresenta valências que ultrapassam em muito as questões elementares do correcto desempenho físico, incorporando um conjunto de condições especiais para o desenvolvimento da personalidade. Este, constitui-se como o objectivo último de qualquer processo de ensino-aprendizagem, tendo o professor um papel chave na sua promoção. Logo é indispensável compreender o aluno: Quem é? De onde vem? Para onde quer ir? Quais as suas limitações? Só assim, poderá o professor sentir-se apto a responder objectivamente e com maior taxa de sucesso, às necessidades dos alunos durante todo esse processo.

Este conhecimento, foi essencial para efectivar o contributo do professor à turma, sendo possível através das respostas dos alunos a uma ficha de caracterização individual. A elaboração desta ficha pretendia responder à exigência, acima diagnosticada, de conhecer e caracterizar o estilo de vida do aluno dentro e fora da escola. Assim, através da identificação dos factores que condicionam a existência dos alunos, foi mais fácil encontrar justificação para alguns dos seus comportamentos e atitudes, quer se relacionem ou não com as actividades lectivas.

Assim, procederemos agora à reflexão, de alguns aspectos que pareceram nos fundamentais para de certa forma dar resposta às exigências colocadas pelos nossos alunos.

A turma era constituída por dois elementos do género feminino e quinze do género masculino, mas mais importante para nós foi perceber os seus hábitos em termos desportivos. Assim, os alunos em causa são alunos com poucos hábitos de actividade desportiva pois a maior parte referiu nunca ter praticado nem se sentir atraído para praticar qualquer modalidade desportiva. No entanto quando estudados acerca da disciplina de EF os alunos referiram, à excepção de um aluno, que gostam da disciplina.

Relativamente ao calendário escolar, o ano lectivo como é normal dividiu-se em três períodos, sendo eles: 1º período (de 14 de Setembro a 18 de Dezembro); 2º período (de 4 de Janeiro a 26 de Março); 3º período (de 12 de Abril a 31 de Maio¹).

1.3 Finalidade e processo de realização do Estágio Profissional e do Relatório de Estágio

O EP na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), do qual este Relatório de Estágio (RE) é fundamentado em termos factuais, está inserido no 2º Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre, no 2º ano do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário e enquadra-se de acordo com determinadas exigências legais e institucionais.

Estas exigências são baseadas no Regulamento do Segundo Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, de Janeiro de 2010, que *“visa desenvolver e complementar o regime jurídico instituído pelo Decreto-lei nº. 74/2006 de 24 de Março, actualizado pelo Decreto-Lei nº. 107/2008 de 25 de Junho, pelo Decreto-Lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro e demais legislação aplicável, no que diz respeito aos cursos de 2º Ciclo, bem como o Regulamento Geral dos Cursos de 2º Ciclo da Universidade do Porto.”*

¹ Como se trata de uma turma CEF de 9º ano, o seu ano lectivo termina mais cedo porque têm um estágio integrado.

De acordo com o Artigo 6º do mesmo regulamento, artigo este confinado à Organização do EP e Orientação do RE, a *“FADEUP celebra protocolos de cooperação com uma rede de escolas do ensino básico e secundário nos quais se estabelece as condições para a realização do Estágio Profissional. A orientação do estágio profissional é realizada por um docente da FADEUP, com o grau de Doutor ou especialista com mérito reconhecido pela Comissão Científica na área científica do ciclo de estudos, em colaboração com um professor da escola cooperante onde tem lugar a prática supervisionada, designado orientador cooperante.”*

Relativamente á avaliação o ponto 3 do mesmo artigo, refere que *“a avaliação do desempenho dos estudantes estagiários na prática de ensino supervisionada é realizada pelo respectivo orientador da FADEUP, tomando necessariamente em conta a informação do orientador cooperante e do coordenador do departamento curricular que engloba a área de Educação Física e Desporto.”*

Para além do mencionado EP existe a elaboração do presente documento de Relatório de Estágio, que segundo o ponto 2 do artigo 7º do mesmo documento *“deverá reflectir de forma rigorosa, crítica e fundamentada a experiência formativa e evidenciar o desenvolvimento das competências profissionais associadas a um ensino da Educação Física de qualidade nas seguintes Áreas de Desempenho:*

- a) Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem*
- b) Participação na Escola*
- c) Relações com a Comunidade*
- d) Desenvolvimento Profissional.”*

Estes são de facto os pontos mais importantes a reter de todo o enunciado. Sendo assim, este regulamento demarcará todo o processo de dissertação deste relatório de estágio.

2 Enquadramento biográfico

2.1 Identificação e percurso

“As condições da vida não estão nem no organismo, nem no meio exterior, mas simultaneamente nos dois”

(Claude Bernard, cit. por Frade 1985, p. 10)

Segundo Damásio (2001, p 259), “ a ideia que cada um de nós elabora acerca de si mesmo, a imagem que gradualmente construímos de quem somos física e mentalmente, e do nosso estatuto social, baseia-se na memória autobiográfica, que é construída ao longo dos anos de experiência e é constantemente sujeita a remodelação”. Assim, em jeito de introdução, neste ponto pretendo dar-me a conhecer. Tudo aquilo que vou escrever é no sentido de mostrar um eu, realizando assim a tentativa de uma autobiografia. Como podemos depreender o “memorial autobiográfico contém o substrato da identidade e da pessoalidade” (Damásio 2001, p 256). Desta forma, existem sempre erros associados à complexidade que são as nossas vivências. Estamos pois em constante crescimento, evolução e consequentemente em mudança. Para corroborar as minhas palavras Damásio (2001, p. 205) afirma que “embora a base do si autobiográfico seja estável e invariante, o seu âmbito muda continuamente em resultado da experiência”. Podemos então depreender que necessitamos de uma memória para guardar todas estas vivências. Segundo o mesmo autor (2001, p. 204, 205) “nos organismos complexos como os nosso, equipados com uma vasta capacidade de memória, os fugazes momentos de conhecimento através dos quais descobrimos a nossa existência são factos que podem ser entregues à memória, bem como devidamente classificados e relacionados com outras memórias que dizem respeito tanto ao passado como futuro. A consequência dessa complexa operação de aprendizagem é o desenvolvimento da memória autobiográfica, um agregado de arquivos disposicionais que descreve quem nós temos sido fisicamente, quem nós temos sido em termos comportamentais, e quem tencionamos ser, no futuro”.

É minha intenção abrir toda a minha memória e explanar todas as minhas vivências. Vivências que me permitiram chegar até aqui, sem nunca me esquecer quem sou e para onde quero ir.

2.1.1 Pedro pré faculdade – o vivenciar inconsciente do “EU”

Pedro é sinónimo de ***“pedra e indica uma pessoa simples mas que busca a realização intelectual e espiritual. Ele destaca-se pela vida disciplinada e pela determinação com que luta pelos seus objectivos. Mas o seu idealismo está voltado para a humanidade como um todo no quotidiano”***. Um pequeno excerto retirado da significação dos nomes que reflecte um pouco do meu ser, da minha forma de estar na vida, rever-me numa pedra, forte e persistente nos meus objectivos. O meu percurso foi sempre traçado dessa forma.

Desde criança que o desporto faz parte da minha vida, lembro-me na minha infância quando ia para a escola, a pé, e competíamos para ver quem corria mais rápido até á igreja, ver quem subia mais alto no carvalho do monte ou até quem, por exemplo, nas noites de Verão tinha coragem de atravessar o monte sozinho. No fundo, comecei desde muito cedo a incorporar os três conceitos fundamentais do desporto ***sitius, altius e fortius***. Inconscientemente já se cozinhava uma vontade pelo desporto que nunca mais acabou.

Por volta dos 7/8 anos adorava o Atletismo (não de forma institucional). Por minha vontade ficava todo o dia a jogar ao “estica” ou aos saltos para a areia (naquela altura era terra). Fui várias vezes o vencedor do “estica”. Jogávamos a subir e a descer, para nós tanto fazia, queríamos era divertir-nos. Lembro-me do Nuno, Vítor e do Joel que comigo fazíamos os 4 magníficos. Passávamos o intervalo a jogar macaca e Futebol. As férias, também eram bons tempos. Chegávamos mesmos a construir pistas para andar de bicicleta nos campos em volta de casa do meu Avô. Estou, como já referi nos agradecimentos muito grato ao meu Avô, nunca o esquecerei, foi ele quem me

ensinou a ver² e a reparar³ em detrimento de só olhar⁴. Como no Livro dos Conselhos (in Saramago, 2003, p 7) “ Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”.

Quem ganhasse a primeira mão comia o melhor lanche, e quem ganhasse no fim do dia, comandava o dia seguinte. Controlávamos o tempo a contar pelos dedos, mais uma vez o conceito de *record* estava presente. No entanto sempre de forma inconsciente, ou seja, era uma forma de atribuir o prémio do dia.

No entanto o prazer da prática aleatória e sem supervisor (entenda-se Professor) chegou ao fim com a entrada na Escola Preparatória de Penafiel. Aqui tudo se assumiu um pouco diferente. Não só o carácter mais industrializado das coisas fez com que a prática fosse decrescendo, mas também os amigos de infância se separaram e perdeu-se a amizade do berlinde, do reбуçado de fruta e todas aquelas formas que sempre encontrávamos para nos juntar e competir por algo. Assim o 2º ciclo fez com que a minha personalidade se virasse para uma vertente mais disciplinada e vincada para o estudo. No entanto no 6º ano tive a infelicidade (ou felicidade) de ser inserido numa das turmas mais rebeldes da escola. Vários alunos eram repetentes e os que não eram, viviam em bairros sociais. Por um lado fez com que conseguisse resolver e safar-me dos problemas em que me metia e sair deles sozinho. Isto levou-me a desenvolver uma certa autonomia. Como o ser humano tem a necessidade e a mania dos comportamentos em grupo, ou seja, o nosso cérebro tem uma boa parte de comportamento social eu fui na onda dos maus exemplos e no fim do 1º período tinha a pauta recheada de negativas excepto a EF. Ora mais uma vez havia tido sucesso à disciplina que sempre me maravilhou. No entanto no segundo período mais uma vez tive que apelar ao meu sentido de superação e ultrapassar todas as negativas.

² Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (p. 1848), ver significa: exercer o sentido da vista; perceber ou conhecer por meio deste sentido; contemplar; presenciar; olhar para; assistir; dividir; separar em; ponderar.

³ Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (p. 1551), reparar significa: fixar a vista ou a atenção; observar; acautelar-se.

⁴ Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (p. 1295), olhar significa: fixar os olhos em; fazer por ver; observar; pesquisar; examinar; considerar; dirigir a vista; acto de olhar.

Após tudo isto, entrei com cerca de 13 anos para o Futebol de 11 no Futebol Clube Penafiel. Foi a primeira vez que contactei com desporto organizado (quer dizer mais ou menos). Até aí jogava no campo ao lado da minha casa de sol a sol em que as balizas eram as maiores pedras. Era a equipa “com camisola” contra os “sem camisola”, ou seja, os mais velhos contra os mais novos. Era eu e o vizinho Marco contra o meu irmão mais velho e o irmão mais velho do Marco. Sabíamos que se ganhássemos iríamos apanhar uma tarefa e se perdêssemos também. Mas dávamos sempre tudo para ganhar. Fazíamos daquilo a nossa maior alegria mesmo sabendo que no fim íamos levar uma sova. Bons tempos. Penso que foi por esta altura que o meu espírito de competitividade se começou a formar. Hoje em dia não dispenso uma boa picardia. Joguei federado durante 5 anos até que um dia quando era júnior de primeiro ano cheguei para treinar na pré - época e corremos durante todo o treino sem nunca tocar na bola. Nesse mesmo dia eu disse que não voltava a pôr os pés no Futebol. Começou então a construir-se a ideia de vir a ser treinador de Futebol. Canalizei todos os meus esforços para os estudos e deparei-me com a primeira grande dificuldade da minha vida. No 12º ano a disciplina de Matemática. Aquando do exame nacional senti muitas dificuldades em conseguir passar nesse mesmo exame, mas como refere o significado do meu nome eu tenho muita **determinação e luta sempre pelos meus objectivos**, transcendi-me e consegui ultrapassar mais uma barreira. Foi também no 12º ano que o meu espírito de liderança começou a ganhar contornos. Foi por essa altura que decidi (não sozinho, mas eu a comandar) organizar um torneio com 3 escolas da zona do Vale de Sousa. As escolas eram do Marco de Canavezes e Paços de Ferreira. Foi uma experiência incrível lidar com toda a logística. Participei também no campeonato nacional de Boccia que teve lugar em Penafiel. Gostei imenso de perceber todos aqueles seres humanos debilitados fisicamente. Ensinou-me a respeitar as diferenças e a encarar a realidade como uma complexidade feita de complexidades.

2.1.2 Pedro *in* Faculdade – aquisição de uma consciência

Com a entrada na Faculdade a vida mudou mesmo completamente. Após um 1º semestre sem estar ligado a qualquer clube ou modalidade algo

me suscitou para procurar um clube e ser treinador de Futebol. Assim, com apenas 18 anos fui ao Futebol Clube de Penafiel e pedi para ser adjunto da equipa de juniores. Nesse mesmo ano, essa equipa subiu de divisão passando da 2ª divisão de juniores para a 1ª divisão Nacional. Com tudo isto o meu sonho começou a ganhar uma forma. E o bichinho de querer ser o melhor treinador de Futebol do mundo começou a ganhar contornos. Assim assumi que iria para todo o lado e com toda a motivação para ser o melhor do mundo. Desta forma comecei a elevar os meus patamares. Ao ter entrado na melhor Faculdade do país percebi que estava num lugar de excelência e que eu também queria ser de excelência. Após essa entrada procurei saber sempre mais. A biblioteca foi sempre um local em que me sentia bem, li imenso (e continuo) pois penso que nunca sei nada. O conhecer o Professor Vítor Frade fez com que o apetite fosse ainda mais aguçado. Também o Professor Cunha do Andebol com toda a sua cultura desportiva fez com que ainda ambicionasse saber mais do desporto. Também o Professor Botelho pela sua exigência e seriedade fez com que me transformasse num ser totalmente diferente. Realizei imensas formações onde pude contactar com vários pontos de vista, várias realidades. Os estágios no Real Madrid e Sporting CP fizeram com que percebesse e sentisse como de facto é estar em clubes de TOP. Mas também foi nesta instituição onde tive a minha maior tristeza e desilusão. Estes sentimentos foram despoletados quando no ano de 2008 eu o Paulo, Nuno e o Pedro nos propusemos a organizar um Simpósio Internacional de Futebol. No entanto e não citando nomes houve pessoas que não quiseram que esse simpósio se organizasse. A vida tem destas coisas. Vou pensar que não foi por mal. No entanto fica mais uma iniciativa.

Actualmente treino duas equipas, uma de Escolas Sub-10 e uma de Iniciados Sub-15. Tento todos os dias passar alguns princípios sociais para que estas crianças encarem o mundo de forma responsável, fazendo sempre com que elevem o seu grau de exigência para consigo e para com os seus pares. Treino e faço questão de os formar socialmente passando-lhe princípios fortes, para que sejam decididos.

Senti também na pele o Futebol sénior, tive a felicidade de poder experimentar durante meia época. Descemos de divisão mas aquilo que

aprendi foi a não cometer erros. Percebi coisas que não devo fazer e os erros que por vezes passam despercebidos ficaram gravados. Percebi também que a formação dos nossos jogadores “profissionais” não é a melhor.

Concluindo esta fase posso dizer que sempre lutei por todos os objectivos a que me propus, sempre responsável e com muito carácter para assumir as minhas acções. Penso que foi essa vivência com o desporto que me possibilitou ser desta forma. Competitivo até comigo mesmo.

2.1.3 O Pedro pós faculdade – expectativas e objectivos em relação ao estágio

Após um início de ano muito atribulado com todas as questões inerentes ao processo de Bolonha, transições de ano, processos de avaliação e também com o acrescento de cadeiras, penso que estava na hora de colocar em prática todo um conjunto de conhecimentos que foram adquiridos na Faculdade. Estava na hora de ajuizar se aquilo que foi transmitido durante a nossa formação, se ajustava ou não à realidade da escola. Após conhecer o Professor Cooperante, e imediatamente antes ter conhecido a Presidente do Conselho Directivo, deu-se o contacto com a escola. Fiquei muito agradado com o primeiro dia pois todo o corpo docente foi alvo de uma actividade de boas vindas, em que nos foi logo disponibilizado todo o conjunto de informações necessárias ao bom funcionamento das aulas. No final desta apresentação global o grupo de estágio avançou para a escolha da turma. Escolhi então a turma CEF (Cursos de Educação e Formação) de 9º ano.

Uma semana depois chegou a hora da primeira aula. O primeiro contacto foi muito positivo pois reconheci nos alunos alguma disponibilidade para cooperar com os colegas e comigo. Penso que este aspecto foi fundamental ao longo de todo o ano. Tinha a perfeita noção que para esta etapa da minha vida havia necessidade de encontrar pessoas que pudessem ajudar e nesse caso os meus alunos superaram todas as minhas expectativas. Esperava ajudar os meus alunos que estavam sobre a minha competência a serem melhores alunos e principalmente a serem melhores pessoas. Ajudá-los a saber viver em sociedade, em cooperação, no fundo em respeito com os

outros. Esperava também, contribuir para o enriquecimento da escola, através de actividades extracurriculares e de todos os meus conhecimentos.

Sendo assim esperava desta nova etapa recolher essencialmente aprendizagem. Após muitos anos de teoria chegava finalmente a altura de aplicar tudo aquilo que fui incorporando. Este objectivo individual foi cumprido. Aprendi muito com o pragmatismo do Prof. Fernando. Foi sempre muito claro nas suas indicações, sempre com muita precisão. Na minha opinião conseguiu sempre levar-nos a perceber facilmente aquilo que é ser Professor. Com a sua história de vida conseguiu também incutir-nos princípios sociais importantes. Ansiava também que a minha prestação ultrapassasse todas as minhas expectativas e também a dos outros. Pese embora saiba que os momentos não foram todos bons, esforcei-me para que tudo corresse bem. Para que os alunos nunca saíssem prejudicados.

Resumindo, **esperava crescer todos os dias, ser melhor hoje que ontem e assim consecutivamente. As minhas expectativas não corresponderam, pois no fundo foram superadas em larga escala. Não pensava, nem esperava retirar tanto prazer deste ano. Com todas as turbulências iniciais penso que no final o sentimento de realização é muito grande. Sinto-me mais forte, mais personalizado, mais confiante e mais ser humano. Isso tudo porque na escola com o Prof. Fernando e na Faculdade com a Prof. Felismina aprendi imenso. E isso é que me dá muito prazer.**

3 Enquadramento da Prática Profissional

3.1 o que é (deve) ser (um) Professor – desenvolvimento

“ Compete ao treinador (entenda-se Professor) organizar e dirigir o treino/competição, através da aplicação de situações permanentes e variadas de ensino-aprendizagem, nunca esquecendo que este processo depende da acção recíproca de quem ensina e de quem aprende.”

(Carreiro da Costa, 1986)

“ Os treinadores devem avaliar a sua comunicação com os atletas, a gestão do tempo de treino, a habilidade de treinar os skills e as outras actividades do treino, conseguindo através deste tipo de análise aprender aquilo que precisam fazer para serem mais eficazes.”

(Neville, 1990)

Segundo Rodrigues (2001), “as componentes essenciais para a preparação inicial para o exercício da profissão de professor previstas no nosso quadro legal são a formação pessoal (entenda-se formação científica) e social”. Neste sentido é possível perceber através das palavras da autora que o professor deixou de ser um mero transmissor de conteúdos e passou a ser um agente de socialização muito importante. Segundo Fonseca (2000, p. 164) “ os treinadores (entenda-se professores) devem sempre que possível privilegiar actividades que, naturalmente, para além de outros objectivos, procurem promover inequivocamente os sentimentos de competência dos jovens. Ou seja, actividades que permitam aos jovens sentirem-se efectivamente competentes por conseguirem realizá-las”, o que significa que o Professor deve de facto investir na formação social dos alunos. Num contexto actual da sociedade os pais hoje em dia trabalham mais horas o que por consequência faz com que passem menos tempo com os seus filhos, neste sentido as crianças passam mais tempo nas escolas. Por natureza surge o professor como responsável por controlar os comportamentos dos alunos, tornando-se um influenciador social. Cabe então ao professor a responsabilidade de criar condições de comunicação que promovam a construção de novos conhecimentos dos alunos (Bárrios 1992 cit. por Ramos 2009 p. 33, 34). Por si

só, o acto de educar é uma acção social de influência sobre alguém, logo essa acção tem que ser orientada de forma correcta pois irá ter uma forte influência, no futuro do indivíduo que está a ser educado. Devemos então investir em alunos criativos. Como refere Punset (2008, p. 275) “as escolas e a socialização podem por vezes enfraquecer a criatividade. Se na escola ou em casa se aprende que a obediência é sempre recompensada ou que só se deve pensar como os outros ou de uma determinada maneira, a lição que se aprende na realidade é que não se deve pensar de uma maneira criativa”. E nada melhor que um poema de Alberto Caeiro (s.d. cit. por Frade 1985, p. 25) para elucidar este assunto que acabamos de articular,

“Tristes das almas humanas,
Que põem tudo em ordem,
Que traçam linhas de coisa a coisa,
Que põem letreiros com nomes nas arvores absolutamente reais,
E desenham paralelos de latitude e longitude
Sobre a própria terra inocente e mais verde e florida do que isso!”

Assim sendo há uma forte necessidade de objectivos muito bem definidos, pois se não existirem estes objectivos bem definidos, não estamos perante um processo de educação bem delineado. Pegando nas palavras de Mendes (1969, p. 34), e trocando a palavra homem pela palavra Professor, percebemos que, “O homem (entenda-se professor), **ao projectar-se activamente no mundo, influencia a sua civilização; o seu ambiente; a sua época; a sua escola; o seu livro; a sua natureza**”.

Assim, a formação do professor deve ser específica de cada sociedade pois para se contemplar a educação nós devemos ter em conta alguns factores, sendo eles: **Tipo de sociedade; Estatuto social do educador; Sistema educativo; Programas; Linhas de orientação; Métodos e técnicas; Tipo de ensino;**

Aonde vai o Professor buscar todos os conhecimentos para lidar com todas estas situações? Sendo impossível ignorar que há a necessidade de adquirir um conjunto de saberes imprescindíveis ao exercício profissional (saberes da especialidade), há também uma grande indispensabilidade de

considerar o contexto real de trabalho, ou seja, a profissão de Professor aprende-se sobretudo dentro da sala de aula, na escola e é um processo bastante longo.

Devemos então salientar que a formação de Professores não deve assentar somente em estratégias e métodos mas sim na finalidade. *Para que escola estamos a formar Professores? Qual a profissionalidade que esse tipo de escola requer? O que é/faz um professor?* (Rodrigues, 2001). Desta forma não se pode negligenciar que o conhecimento é de facto extremamente importante, logo não pode ser deixado de lado quando se equaciona a formação de professores. Como refere Bento (2008, p. 59) “o conhecimento, tal como a formação e a cultura, parte da noção da falta e está ao serviço da superação das insuficiências, da necessidade de viver, de conceber e realizar a vida num patamar superior”, ou seja, “o conhecimento tem uma função instrumental: faz-nos evoluir e alcandorar a planos elevados de compreensão e, por isso, pode tornar-nos seres humanos melhores”. Depreende-se então, que há a necessidade, por parte do Professor, de realizar constantemente um aprimoramento individual e que este aprimoramento contribui para o bem de todos. No entanto não podemos perder a noção que o conhecimento só por si não chega, é necessário que haja um processo de transcendência. O Professor tem que ser um sonhador pois como referiu Albert Einstein (1879-1955 cit. por Bento, 2008, p. 65) “A imaginação é, de longe, muito mais importante do que o conhecimento”. E não será demais citar Fernando Pessoa (cit. por Bento 2008 p. 65), com o poema Horizonte:

O sonho é ver as coisas invisíveis
Da distância imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esp'rança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte –
Os beijos merecidos da Verdade

Podemos então perceber que o Professor se mede também pelos seus sonhos, sendo assim estes têm que ser grandes para que se traduzam em ambição. É urgente formar bons docentes para que se evite ler depoimentos

como aquele que consta no livro **Formação de Mestres e Doutores** (2008, edições casa da Educação Física), cujo autor é o Professor Jorge Olímpio Bento, este depoimento surge na página 92 e tem como autor um sobrevivente de um campo de concentração nazi, e diz:

“Caro professor: Os meus olhos viram (...) câmaras de gás construídas por engenheiros doutores; adolescentes envenenados por físicos eruditos; crianças assassinadas por enfermeiros diplomados; mulheres e bebês queimados por bacharéis e licenciados. (...) Por isso desconfio da educação. Eis o meu apelo: ajudem os vossos alunos a serem humanos”.

Podemos depreender então que a formação dos docentes tem que passar também por uma formação social, pensamos nós que principalmente. E citando mais uma vez Bento (2008, p. 36) “ esta hora exige a formação de quadros realmente superiores; ilustrados e iluminados para exceder e transcender a vulgaridade e a banalidade, a venalidade e futilidade, hermeneutas capazes de inteligir a sua área e de a situar no plano da vida e no contexto sócio-cultural, á altura do seu tempo; disponíveis para viver a inteligência e para viver a partir dessa faculdade maravilhosa que é a de percebermos a nossa própria limitação”.

Como refere Graça (2001) “ as concepções que os professores possuem acerca dos conteúdos de ensino e acerca dos alunos com quem trabalham reflectem-se no modo como pensam e desenvolvem as suas práticas de ensino. O conhecimento que o professor tem da disciplina que lecciona interage com conhecimentos, convicções e crenças acerca da educação, do ensino e aprendizagem, acerca dos alunos e acerca dos contextos educativos”. Estas palavras transportam-nos para a necessidade de entendermos o comportamento eficaz do professor. Sendo assim o comportamento eficaz do professor centra-se essencialmente no cruzamento de conhecimentos. Na década de 60 foi levado a cabo um estudo para perceber o que faz o professor eficaz. Dunkin e Biddle (cit. por Graça 2001) forneceram um modelo conceptual robusto que facilitava a integração do delineamento dos projectos de pesquisa individuais num programa geral de investigação. O modelo permitia considerar na análise do ensino a multiplicidade de relações possíveis entre factores de

diversa ordem: variáveis contexto (do aluno, da escola e da comunidade), variáveis presságio (personalidade, formação e experiência dos sujeitos do estudo, professores ou alunos), variáveis de processo (comportamentos do aluno, comportamentos de ensino) e variáveis de produto.

No fundo é perceber que as várias etapas de desenvolvimento obrigam a conhecimentos diferentes, logo os Professores de 1º Ciclo não podem (nem devem) ter a mesma formação que um Professor do Ensino Secundário. Neste sentido o Professor não se pode afirmar como transmissor de saber focando a sua actividade numa única especialidade (não confundir com especificidade). A formação de Professores deve ser uma formação ampla e diversificada, deve ser transversal a todas as disciplinas. Então o Professor deveria como refere Lewis (1989, p. 9) dar mais ênfase ao processo de *aprendizagem* em detrimento do processo de *ensino*, ou seja, é mais importante perceber *o como* do que perceber *o quê*. E defende que uma das características do Professor deveria ser o encorajar os alunos pois, “nós, os adultos, destruímos a maior parte da criatividade intelectual e lúdica das crianças através do que lhes fazemos ou as obrigamos a fazer. Destruímos essa capacidade, antes de mais nada, ao deixa-las amedrontadas, atemorizadas por não fazerem aquilo que outra pessoa quer, com medo de não agradarem, de cometerem erros, de fracassarem, de estarem enganadas” (Lewis 1989, p. 161). Mais adiante o autor expõe algumas das consequências nocivas deste tipo de comportamento do Professor dizendo que “as consequências nocivas deste tipo de ansiedade são, com frequência, não só profundas como também amplas. As crianças que se atrasam na classe talvez jamais consigam alcançar novamente o resto da turma – é este o ritmo e a pressão de um sistema educacional dirigido para a prova” (Lewis 1989, p. 161). Cabe então ao Professor colmatar estas falácias do sistema educativo em vigor. Formando na nossa opinião alunos confiantes, sem medo de questionar e com ambição para aprender mais. Também Barsch (cit. por Mendes 1982, p. 226) sugere determinadas atitudes pedagógicas para o Professor:

- Estar cientificamente e intrinsecamente convencido de que o movimento e o espaço são mesmo importantes e fundamentais para as aprendizagens escolares;
- Ter capacidade para regular (com versatilidade) o espaço-educativo;
- Atender à hierarquia das actividades motoras;
- Compreender (e utilizar) a importância da postura;
- Considerar a eficiência motora como o primeiro objectivo educativo;
- Desenvolver (pelo movimento) a coordenação nos três planos do espaço;
- Utilizar como modelo básico a sequência da evolução motora.

Podemos então depreender que o processo educativo em EF passa por um forte investimento no movimento. Para nós este movimento só faz sentido se for um movimento intencional. Corroborando Frade (1985, p. 7) “só o movimento intencional é educativo. A perfeição do automatismo não consiste no ter-se definitivamente fixado um certo encadeamento de acções musculares, é pelo contrário, uma liberdade de escolha das acções musculares a encadear”. E reforça na pagina 8 que “ Ver não é a mesma coisa que “Perceber” (não basta estar de boa saúde oftalmológica)”, sendo assim em nossa opinião e baseados nestas afirmações podemos dizer que a aula deve servir para o aluno experimentar no corpo e todas as partes constituintes, o exercício intencional.

Há necessidade de uma formação específica para os Professores. Assente numa relação entre a prática e teoria, transversal a todas as disciplinas. Neste sentido para que o Professor possa ser reflexivo tem que ser capaz de conjugar a prática e a teoria. Só dessa forma é possível reflectir sobre aquilo que fizemos e não sobre o que vamos ou o que devemos fazer. Como refere Frade (2006) “ o treinador (entenda-se professor) tem uma acção decisiva em todo o processo evolutivo já que aplica directamente um conjunto de conhecimentos que vai adquirindo fruto da evolução do treino, da competição, do desporto, da sociedade e das ciências que o apoiam”. Podemos então depreender que o Professor tem que possuir um conhecimento

transdisciplinar tendo sempre presente a complexidade do processo ensino-aprendizagem.

Como refere Bento (2008, p. 53, 54) “não é preciso ser filósofo por formação e profissão para assumir a obrigação de reflectir. A “*reflexão crítica*” é um imperativo moral de todo o ser humano digno desse nome que não suspenda o interesse pelo mundo e queira estar à altura das exigências e circunstâncias da sua vida”, e o autor continua reforçando que “um académico não pode deixar de ostentar essa capacidade de espírito crítico em relação a si mesmo, ao seu perfil, papel e labor; nem pode ficar neutro e indiferente ao modelo que hoje se quer impor a todo custo, qual seja o de colocar a universidade e a ciência sob o primado exclusivo da tecnologia, rejeitando sempre a construção das ciências em ‘tecnociências’, mais preocupadas com resultados e ganhos económicos, industriais e comerciais do que com fins, questões e justificações amplas e fundamentais” (Bento, 2008, p. 54). Logo tem que ser um sujeito com competências pedagógicas, didácticas e científicas. Desta forma há que estar atento à cultura, pois esta nas palavras de Mendes (1969, p. 31) “Existe sempre em evolução e nunca aparece em revolução...e estar atento é apenas estudar todos os dias. Estudar... lendo, pensando, perguntando, inter-relacionando e experimentando, em ciclo e simultaneamente”, depreendemos nós que é de facto extremamente importante o Professor estar actualizado cientificamente e socialmente pois “os conceitos actuais não são evidentemente os de ontem. Partiram deles, é certo, mas para os continuar” (Mendes 1969, p. 31).

Em jeito de conclusão deixo por aqui uma personalização. No entanto não é a desejada por nós. O design da escrita é conforme o original, é uma forma de demonstrar, entendemos nós, a queda no abismo.

**“ Gostar de todos, de ti também, mas confesso que nem
sempre ajudas muito. Por vezes não ajudas mesmo nada:
DESAJEITADO**

TRISTE

FRUSTRADO

estragas tudo

CANSADO

**sem paciência
FALHADO
esqueces a vida
ralhas
bates
agrides
humilhas
ofendes
e às vezes até me
violentas! E diz-me cá: TUDO ISSO PARA QUÊ?”**

Nelson Mendes (1970)

4 Realização da prática profissional

4.1 Contextualizando

“Não existe o simples, existe a simplificação ...
o simples é sempre o simplificado”

(Bachelard, cit. por Frade 1985, p. 10)

E eis que chegou o momento de ir para a escola. Era algo que me vinha habituando em termos emocionais. Após uma série de anos na Faculdade havia chegado a tal oportunidade de realização. Ao entrar nos portões da escola senti um *deja vu*, parecia que já havia vivido aquele momento anteriormente. Algo me dizia “não te esqueças que ainda és aluno, aprende com tudo o que puderes aqui dentro, desperta em ti o sentimento de aluno e mistura-te com os demais”. Sendo assim, a primeira coisa que fiz foi dirigir-me á zona desportiva da escola, tentando logo perceber o que possuía a escola em termos de infra-estruturas. Percebi imediatamente que havia ali muito espaço a explorar. Quando reparei nos jardins em volta veio-me logo á cabeça que uma prova de Btt na escola era capaz de resultar. Procurei também sentar-me um pouco na escadaria das bancadas do campo exterior para tentar perceber a comunidade escolar (principalmente os alunos). Saltaram-me logo á vista alguns talentos motores. Percebi que o meio envolvente dava perfeitamente para trabalhar. Lembrei-me imediatamente das palavras do Prof. Cunha em muitas das suas aulas. O Prof. alertou muitas vezes para a necessidade de se conhecer imediatamente a qualidade motora da comunidade escolar e foi por isso que me dirigi imediatamente para a zona desportiva.

Entretanto chegou a hora de conhecer os meus colegas de estágio, o Nuno Santos e o Dario Andrade. Não fazia a mínima ideia de quem seriam pois não correspondiam ao meu ano de entrada na Faculdade. Infelizmente o Nuno nunca chegou a aparecer. No entanto o Dario revelou-se uma pessoa sensacional. Admito que tinha algum receio acerca do meu colega para a luta do estágio. Com o tempo este receio foi desaparecendo e independentemente do Dario ser jogador de Andebol profissional do FC Porto, mostrou-se sempre muito disposto a trabalhar e ajudar. Desde o primeiro dia definimos logo quem

éramos. Acertamos que a nossa relação tinha que assentar na amizade, entreajuda, seriedade e competência. Sabíamos que para esta dura batalha tínhamos que nos unir e lutar juntos senão iríamos ficar pelo caminho.

Entretanto também conheci o Prof. Cooperante. Tenho a certeza que nunca me vou esquecer dele. Tive imensa sorte na escola que escolhi, assim como com o Prof. Cooperante, Fernando Vaz. O Prof. Fernando fez questão de colocar logo os pontos nos “ii`s”. Deixou-me logo à vontade e explicou-me tudo aquilo que ia ser o nosso estágio, a nossa relação, etc. Sendo assim percebi que tinha daquele lado uma excelente pessoa e que provavelmente um excelente amigo. O que de facto se veio a confirmar. O seu lado humano é interminável, de uma profundidade inigualável. No fundo aquilo que eu chamo de PROFESSOR⁵.

Em jeito de conclusão desta introdução, não podia deixar de referir as reuniões de departamento que aconteceram logo no primeiro dia. Durante estas reuniões houve um sentimento de ligeira ignorância. Não me conseguia inserir no dialecto utilizado pelos colegas. Este foi logo o ponto de partida para a minha primeira “intro-reflexão”. Imaginei logo a indispensabilidade de na Faculdade se equacionar uma cadeira ou bloco de aulas para tratamentos de questões burocráticas concretas do sistema que é a escola. Na minha opinião eu não estava preparado para discutir (não quer dizer que eu tivesse que falar, mas havia de facto a necessidade de eu compreender o que se estava a discutir), e também senti que não era por incompetência minha mas sim porque nunca tinha sequer contactado com uma realidade daquelas. Obviamente que por isso é que existe o EP. No entanto os astronautas também são submetidos a simuladores para depois contactarem com as realidades. Penso que eventualmente era produtivo nas aulas de Didáctica Prática se construir uma espécie de simulador. Antes da prática pedagógica deviam ser levadas a cabo este tipo de reuniões.

⁵ Decidimos colocar Professor com letra maiúscula numa tentativa de fazer chegar que o Professor é um ser complexo, e como tal, engloba tudo o que existe na realidade. Daí a adopção da letra maiúscula.

4.2 «A aula propriamente dita, a voz que treme»

Para mim este momento assemelha-se quase que ao nascimento do primeiro filho (embora ainda não tenha experienciado, mas pelos relatos que leio). As questões que se equacionam. Quem são os alunos? São “rufias”? São “bons” meninos/as? Gostam de EF? Não criam problemas? Existem talentos motores? Ora existe, quer queiramos quer não, uma série de questões que todos nós equacionamos e ficamos impacientes por poder ver as respostas. Sendo assim, lá chegou a primeira aula no dia 18 de Setembro de 2009. Como dever ser habitual o Prof. Fernando fez as honras da casa e realizou as apresentações. Entretanto chegou a minha vez. Apesar de ser treinador de Futebol há já 5 anos a minha voz tremeu e custou sair. No entanto tentei manter a firmeza. Existia de facto algum medo. Dizem os entendidos que o medo é um bom sinal. Significa que zelamos pela sobrevivência. Como se costuma dizer os heróis morreram na guerra e eu naquele momento entrei devagar para apalpar terreno. Obviamente comecei logo a passar alguns dos meus traços de personalidade, demarcando o meu terreno e mostrando até onde poderiam ir. Mostrei também que podiam confiar em mim e que aquilo em que pudesse ajudar o iria fazer. Sendo assim, o nervosismo foi passando e os comportamentos foram saindo de forma fluída.

Estavam então criados os alicerces para uma boa relação Professor - Aluno. Entretanto comecei a apelar ao meu sistema emocional para decifrar alguns traços de personalidade dos alunos que pudessem vir a ser úteis. Ele disse-me logo que existia ali muito por onde trabalhar em termos sociais. Percebi imediatamente que existia a urgência de construir os alunos sobretudo em termos sociais.

Penso que o facto de ter colocado, logo na primeira aula, todos os trâmites em que a nossa relação se tinha que construir fez com que a nossa relação fosse desenvolvida sem grandes adversidades. Pois como já foi referido anteriormente esta turma tinha características especiais, ou seja, tratava-se de uma turma CEF. O facto de se tratar de uma turma CEF faz com que o aspecto do relacionamento tenha que ser gerido a pinças. O que quero dizer com isto é, que se entrasse de rompante provavelmente nunca iria ter a

turma conquistada. Por outro lado se facilitasse demasiado provavelmente a turma iria abusar e complicar ao longo do ano. Assim, penso que o facto de ter iniciado logo na primeira aula uma espécie de negociação com eles fez com que a relação fosse levada a cabo sem grandes complicações para ambos os lados.

Concluindo percebi que podia contar com os meus alunos para uma viagem tranquila ao longo do ano, assim como eles também perceberam que podiam contar comigo e que independentemente de tudo eu iria ajudar ao longo do ano.

4.3 «a unidade didáctica (interpretação) e a Unidade Didáctica (complexidade⁶)»

Neste ponto vamos abordar a questão do planeamento. Começando por destacar o contactar com uma nova realidade acerca das unidade didácticas (UD) (modulo 4 do MEC (Modelo Estrutura Conhecimento)). Como havia sido formatado durante os meus anos de Faculdade a primeira UD que entreguei juntamente com o respectivo MEC tinha um aspecto como ilustra a tabela 1.

⁶ Como já referimos anteriormente a letra maiúscula pretende demonstrar a complexidade do real. Sendo assim a complexidade não disjunta. A ideia da letra maiúscula teve fundamento nos livros de Edgar Morin e Robin Fortin (vide bibliografia).

Tabela 1 - unidade didáctica exemplificativa de Futebol

Conteúdos											
Aspectos Técnicos											
Recepção e controlo de bola			E	E	E	Af	E/C	C	C	C	
Passe			E	E	E	Af	E/C	C	C	C	
Remate			E	E	E	Af	E/C	C	C	C	
Condução de bola			E	E	E	Af	E/C	C	C	C	
Drible e Finta			E	E	E	Af	E/C	C	C	C	
Aspectos Tácticos											
Táctica Individual	Jogos reduzidos em igualdade e desigualdade numérica		E	E	E	Af	E	E	E/C	C	
	Princípio de jogo específico ofensivo: penetração		T/E	E/C	E/C	Af	E/C	C	C	C	
	Princípio de jogo específico ofensivo: cobertura ofensiva				T/E		E	E/C	E/C	C	
	Princípio de jogo específico defensivo: contenção		T/E	E/C	E/C	Af	E/C	C	C	C	
	Princípio de jogo específico defensivo: cobertura defensiva				T/E		E	E/C	E/C	C	
	Enquadramento correcto do guarda-redes							T/E	E	E	
Táctica Colectiva	Basculação do sentido do jogo						T/E	E	E	E/C	
	Campo grande / Campo pequeno						T/E	E	E	E/C	
	Bloco colectivo defensivo e ofensivo						T/E	E	E	E/C	
	Jogo 5x5 (7x7)	Ad					T/E	E	E/C	E/C	As

Após muito trabalho a realizar a mesma não deixei de ficar surpreendido quando o Prof. Fernando referiu que as UD embora fossem desenvolvidas desta forma na Faculdade para ele fazia sentido que fossem diferentes. Desta forma iniciamos ali uma troca de conhecimentos. Ele via as UD como algo mais complexo, ou seja, como algo mais próximo da realidade do planeamento, ou seja, mais próximo do real. Segundo Fortin (2007, p. 128) acerca do que nos diz Morin, o pai da complexidade, “ Morin sabe bem que só um pensamento complexo está ao nível da complexidade do real. Por isso é preciso desenvolver o pensamento complexo para se aprender correctamente o real”. Logo as complexidades do real e do pensamento devem viver uma para a outra, através de trocas recíprocas.

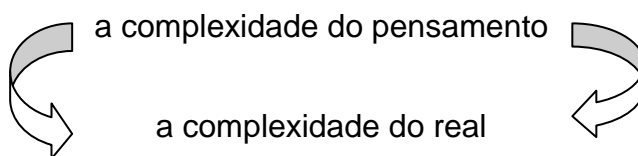


Figura 1: Complexidades adoptado de Fortin, (2007, p. 128)

Ora aquilo que se pretendia era de não “só civilizar a complexidade do real”, mas “igualmente desenvolver a complexidade do pensamento” (Fortin, 2007, p. 128). Podemos então depreender pegando nas palavras de Morin (2003, p. 49, 50) que a complexidade “conotava sempre uma advertência ao entendimento, uma protecção contra a clarificação, a simplificação, a redução demasiado rápida”. Ora foi então nossa intenção devolver ao planeamento a sua real importância, ou seja, complexificando um dos pressupostos com mais importância que são as UD. Há de facto a necessidade de um pensamento complexo quando se inicia o processo de planeamento. Segundo Mesquita (2005, p. 37) “planear consiste em delinear antecipadamente aquilo que tem que ser realizado, como deve ser feito e quem o deve efectuar. O planeamento deve obviamente ser efectuado com base na análise da situação, ou seja, efectuando-se o diagnóstico”, o que entendemos nós ser a relação recíproca entre a complexidade do pensamento e a complexidade do real. Voltando a Morin (2003, p. 20) “a complexidade é efectivamente o tecido de acontecimentos, acções, interacções, retroacções, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal”. E para findar esta justificativa e na nossa opinião, boa forma de encarar o planeamento, Morin (2003, p. 20) refere a necessidade “de pôr em ordem os fenómenos ao rejeitar a desordem, de afastar o incerto, isto é, de seleccionar os elementos de ordem e de certeza, ...” o que é corroborado com a afirmação de Mesquita (2005, p. 37,38) ao referir que para “o planeamento ser eficaz, o treinador (entenda-se Professor) deverá dar, sequencialmente, cumprimento a três tarefas: **determinar o que fazer; escolher como o vai fazer; realizar o plano**”

Sendo assim, aquilo que foi construído por nós foi na tentativa de contemplar a totalidade da realidade, concordando com Morin (2003, p. 52) quando afirma que “ a complexidade não compreende apenas quantidades de unidades e interacções que desafiam as nossas possibilidades de cálculo; compreende também incertezas, indeterminações, fenómenos aleatórios”. Produzimos então como se pode ver na tabela 2 outro tipo de UD.

Tabela 2 – Unidade Didáctica exemplificativa de Natação

Conteúdos			
Equilíbrio	Introdução Posição de estrela		Exercitação Posição de estrela
Respiração		Exercitação Respirações do tipo astronauta	
Propulsão	Introdução No bordo da piscina os alunos realizam propulsão		
Salto para a água	Introdução Saltos do bordo lateral para dentro de um arco a flutuar na água	Introdução Exercitação Saltos do bordo lateral para dentro de um arco a flutuar na água para os menos aptos; Saltos de cima do bloco simulando a competição;	
Pernada crol	Introdução Exercitação Pulbuoy colocado entre as pernas com realização de percursos com e sem braçada		Consolidação Pulbuoy colocado entre as pernas e os alunos mais aptos realizam os percursos sem placa e os menos aptos realizam os percursos com placa.
Braçada crol	Introdução Exercitação Com uma placa agarrada os alunos realizam: - um só braço; - dois braços alternados;		
Pernada bruços			Introdução, Exercitação Com placa os alunos realizam a pernada de bruços; Contra a parede os alunos colocam os segmentos corporais na posição para realizar a pernada de bruços.
Pernada costas	Introdução Exercitação Pulbuoy colocado entre as pernas com realização de percursos com e sem braçada		Consolidação Pulbuoy colocado entre as pernas e os alunos mais aptos realizam os percursos sem placa e os menos aptos realizam os percursos com placa.
Braçada costas	Introdução Exercitação Com uma placa agarrada os alunos realizam: - um só braço; - dois braços alternados		Consolidação Realizam os percursos com braçada alternada.
Pólo aquático			Introdução e Exercitação da propulsão vertical Exercício de tocar nas bandeiras Introdução e Exercitação da técnica de nado de pólo aquático Estafetas com condução de objectos durante o nado
Técnica completa crol	Exercitação e consolidação Através de percursos de 25 metros com ou sem salto de partida		
Técnica completa costas	Exercitação e consolidação Através de percursos de 25 metros com ou sem partida de blocos		
Avaliação			

Este tipo de organização da UD revelou-se extremamente benéfico por vários motivos. Primeiro porque permitiu manter a prática sempre muito bem organizada. Fez com que nunca se sobrepusessem conteúdos, respeitando dessa forma a aprendizagem dos alunos. Corroborando no entendimento de Ramos (2009, p. 18) “a aprendizagem escolar, tal como o desenvolvimento e a aprendizagem espontânea, é um processo que (deverá) evolui(r) no tempo”. E nós acrescentamos que sempre com o respeito individual dos alunos, ou seja, sempre que necessário individualizando o processo para que todos os alunos obtenham sucesso.

Pensamos também que, desta forma os conteúdos ficam de mais fácil acesso para o Professor, levando a um ensino mais eficaz. Devemos ter em consideração que uma das razões que levam a um ensino mais pobre, ou seja, um processo de ensino ineficaz é que “quem planifica os currículos raramente identifica conceitos (entenda-se conteúdos)”, (Novak, 1981 cit. por Ramos 2009 p. 27). Sendo assim temos que ter em conta que “...as pessoas pensam com conceitos..., a plasticidade da mente humana está na essência do que entendemos por ser humano. Cada um de nós forma a sua estrutura de conceitos de maneira idiossincrática⁷, mesmo quando frequentamos as mesmas escolas e experimentamos acontecimentos semelhantes”. Podemos então depreender que há a necessidade de explorar e simplificar os conteúdos ao máximo. Um dos exemplos dados pelo Prof. Fernando ao longo do ano lectivo foi sempre, se algum dia eu ficasse doente alguém teria que dar as aulas e seguir a minha UD. Com ela construída desta forma, torna-se mais fácil decifrar os conteúdos a serem abordados. Assim, como quando da minha parte tive necessidade de interpretar a mesma para regularizar o meu processo.

4.4 Para uma interpretação de uma condição física ou de uma condição física específica – Movimento intencional?

Não faz sentido equacionar a condição física sem ser em especificidade, ou seja, com o esforço específico da modalidade em questão.

⁷ Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (p. 987), idiossincrasia significa: conjunto de disposições fisiológicas de cada indivíduo, que dão às suas associações um carácter subjectivo; constituição; temperamento peculiar de cada indivíduo. (Do gr. *Idiosyngkrasia*, «constituição própria»).

Assim, e como o referia o Prof. Vítor Frade durante as aulas de metodologia, o músculo não é um órgão de potência mas sim de sensibilidade, logo sensível. Não está aqui em causa negar que o ser humano não é um ser biológico, porque é impossível negar, está sim uma problemática em termos de interpretação daquilo que é de facto o ser humano. Como refere Frade (1990) “ao indivíduo como entidade biológica complexa, por exemplo, caracteriza-o uma extraordinária capacidade – A adaptação às situações. Este “poder de auto adequação” está largamente estudado, quer em função da filogenése (selecção natural), quer em função da capacidade de espontâneo modificação do organismo humano, após estimulação de acordo com um tempo determinando (Teoria do treino)”. Ainda segundo Buytendijk (cit. por Mendes, 1969, p. 76) “A contracção muscular so tem significado educativo quando é uma expressão duma significação vivida e duma actividade intencional”. Depreendemos nós que de facto o movimento só faz sentido como expressão técnica de alguma coisa. Há então de facto que condicionar esta dita condição física a algo de concreto. Sendo assim, Frade (1990) vai mais longe e acena para o facto de se adoptar o termo adaptabilidade como explicação causal da construção do ser biológico, “treinar-se deve pelo contrário, significar, colocar em acto uma fantástica capacidade de que o nosso organismo dispõe: A Adaptabilidade⁸-Adaptação. A preparação deve então ser entendida, como reflexo da necessidade do organismo se modificar, em função de determinada Intenção ou Propósito. (...) Pode dizer-se que numa óptica biológica, a resposta dita física do treino, é uma espécie de mecanismo de autodefesa, que o organismo “põe-em-acto” para conservar a própria homeostasia (equilíbrio funcional). Corresponde, num certo sentido, a uma adaptação preventiva do organismo, que se Automodifica para estar mais capaz, em grau, num próximo futuro, de neutralizar por exemplo, os efeitos nocivos, duma fadiga muscular. Logo, treinar-se significa informar o(s) próprio(s) corpo(s), da futura tarefa que este deverá enfrentar. (...) Treinar, consiste no informar o(s) próprio(s) organismo (s), que deverá reorganizar-se, no sentido de enfrentar novas situações”. Embora o autor se refira ao processo de treino, para nós estes princípios aplicam-se igualmente ao processo de ensino.

⁸ Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (p. 44), adaptabilidade significa: qualidade de adaptável.

Sendo assim a expressão deixa de ser física (entenda-se mecânica) e passa a situar-se segundo Mendes (1969, p. 90, 91) a um comportamento Neuro-Motor, Psico-Motor e Sócio-Motor.

Neste ponto vou também discorrer acerca da minha dificuldade em reflectir após as aulas. Como nunca na Faculdade nos foi pedido este tipo de reflexões esta tarefa foi um pouco difícil de despoletar. Penso que a formatação a que por vezes somos expostos leva a que em algumas alturas nos deparemos com este tipo de dificuldade. Tenho a perfeita consciência que se eventualmente me perguntassem o que tinha acontecido durante a aula eu através de um processo verbal tinha conseguido chegar aonde nenhuma reflexão o conseguiu. Inicialmente as reflexões não continham muita qualidade. Foram reflexões muito superficiais, com pouco conhecimento específico e algo banais. No entanto com o avançar do ano lectivo fui melhorando neste aspecto, chegando ao final do ano com reflexões mais profundas, retirando sempre algo para a aula seguinte. Admito que a minha personalidade não é fácil de desbloquear, ou seja, não é fácil interpretar os meus comportamentos. Também sinto que sou muito fechado, fruto de um processo que tenho sido submetido em clubes de futebol em que não podemos dar um dedo pois logo a seguir comem-nos o braço. Não sou muito de falar. Penso que também neste processo já constava em mim alguns vícios mais direccionados para o rendimento. Esses vícios levam a que por vezes não se cumpra com os ditos critérios pedagógicos. Dou o benefício da dúvida. Sendo assim esta foi uma área que me deu bastante gozo pois obrigou-me a explorar e muitas das vezes a não ir pelo óbvio. Penso que quando planeamos um processo destes a primeira coisa a ter em conta são os alunos e tudo aquilo que lhes podemos oferecer.

4.5 Os dois tipos de supervisão, pelo cooperante e pela Orientadora (O Dia a Dia vs critérios da faculdade) – O primeiro desaparecimento

Como é habitual durante o EP existe um Prof. Cooperante e um Orientador da Faculdade. O Prof. Cooperante é aquela que convive connosco todos os dias, nos começa a perceber em termos emocionais e que aprende de certa forma a estreitar relações connosco. No entanto também a Orientadora

da Faculdade tem um passado em que nos conhece da Faculdade. Para ser muito sincero senti sempre algumas dificuldades para dar a volta à pressão de ter uma aula supervisionada. Não que não estivesse confiante nos meus alunos ou na minha competência, mas sim porque vinha sempre à memória as aulas da prática pedagógica do 3º ano em que, na minha opinião havia professores que normalmente não respeitavam muito os alunos. Adiante. Gostaria então de partilhar a minha opinião em relação às observações pois são extremamente importantes. Em primeiro lugar penso que uma observação por período é uma quantidade deficitária. Considero que no mínimo deveriam ser duas, isto porque ao conversarmos sobre a primeira podíamos no mesmo período debelar essa mesma dificuldade entreposta pela observação. Sei que poderão argumentar que o Prof. Cooperante está lá para isso, no entanto penso que o papel do Cooperante é mais direccionado para problemas práticos, para organização, gestão e funcionalidade prática e neste aspecto o Prof. Fernando foi excepcional. A sua observação é *in loco*, ou seja, actua imediatamente. Sendo assim penso que este é um aspecto em que a Faculdade poderá evoluir, deverá tentar criar mais tempo de observação por parte dos Orientadores. Até porque há a possibilidade de criar laços de afectividade muito maiores. Gostava também de reflectir acerca da minha última aula observada. Embora durante o segundo período tivesse ficado acordado que a terceira observação ia ser a uma turma de currículo normal, nomeadamente ao 7º D, julgo que não deveria ter sido observada com uma turma que eu não conhecia bem na altura. Acho que, independentemente das consequências, eu deveria ter sido avaliado no contexto que escolhi, e esse contexto eram os CEF. Não querendo desculpar, até porque me encontro de consciência tranquila, não percebi porque é que tive que ser avaliado no contexto do 7º ano e o meu colega não o foi no contexto dos CEF? Encontro-me um bocado triste por esse aspecto pois tinha investido imenso na minha relação com os meus alunos CEF e gostava de ter sentido esse esforço valorizado. Não quero com isto despoletar qualquer tipo de reacção nos envolvidos, é simplesmente um desabafo. Sendo assim em termos concretos os alunos CEF obrigam-nos a gerir a aula de forma muito diferente. Digo isto porque actualmente estou a leccionar as aulas ao 7ºD, turma do Prof. Cooperante. Deste modo quando estamos perante o desafio de leccionar aulas

ao CEF a nossa postura tem que ser muito mais “fechada”. Essas turmas têm características especiais e não conseguem gerir muito bem a liberdade concedida. Logo, no meu ponto de vista a postura tem que ser muito mais “fechada” pois quando se lhes dá um dedo eles querem logo o braço inteiro. O sistema de negociação tem que ser muito mais rígido, não se pode colocar muita liberdade de escolha. Por isso o meu posicionamento em relação aos CEF foi sempre de quem “manda” aqui sou eu e isto vai pelo caminho que eu quero. Quanto ao 7º ano as coisas já não são bem iguais, ou seja, eles reconhecem melhor o seu líder e o sistema de negociação pode ser um leque muito mais alargado, ou seja, eles sabem muito bem que não podem pisar o risco em demasia. Sendo assim, e aquando da observação, eu ainda estava formatado pelos CEF o que de facto levou a que aquele distanciamento acontecesse. Existe outro aspecto muito importante que acho que devemos ter em conta, o facto de não existir muitas rotinas estabelecida aquando a observação do 7º ano. No entanto após algumas aulas dadas, neste momento o ambiente de aula é fantástico pois os alunos estão realmente dentro das rotinas e empenhados nas tarefas. Ora, são dois mundos totalmente distintos e extremamente importantes, obriga-nos a criar estratégias totalmente diferentes. Após um sentimento de alguma tristeza, por não ser observado nos CEF só me resta agradecer o facto de me terem colocado este desafio, pois este desafio despoletou em mim uma boa quantidade de reflexões que eu sinto que foram extremamente importantes na minha evolução. Obrigou-me de facto a um processo de adaptabilidade, muito grande, tanto que agradeço ao Cooperante e ao Orientador por este desafio.

A parte da observação do Professor Cooperante foi de facto fantástica, sempre atenta, sem nunca colocar em causa a minha liderança, sempre com disponibilidade para discutir opções. Sempre que necessário interveio no aqui e agora da aula o que me deixou bastante agradado. Vou por fim realçar a primeira vez que ele “desapareceu”. De facto o Prof. já tinha avisado que eventualmente iria sair da aula sem avisar. No entanto foi uma sensação fantástica perceber que confiava em mim, deixando os alunos sobre a minha total responsabilidade. Penso que ele me estava a preparar pois passado pouco tempo ele foi eleito para o Conselho Pedagógico da escola e comecei a

ter que leccionar algumas aulas sózinho. Sem nunca tremer, confesso. Os alunos nunca puseram em causa a minha liderança, realizando sempre a aula de forma habitual.

Concluindo, penso que as observações correram de uma forma enriquecedora. Como é óbvio tiveram erros inerentes a um processo em que o gestor está no início. No entanto tenho a perfeita noção que a primeira aula observada não foi muito conseguida, mas penso que superei todas as dificuldades e cresci imenso com esta experiência.

4.6 O Badmington, a Orientação o constatar de algo totalmente novo

Com a realidade do programa anual de modalidades houve a necessidade, e ainda bem, de contactar com duas modalidades que nunca havia praticado (infelizmente) e tido qualquer tipo de formação. Digo infelizmente pois a Faculdade nunca nos preparou para este tipo de modalidades. Sei que no presente já possui mais modalidades e que o Badmington é abordado em profundidade. É de salutar este desenvolvimento. No entanto foi mais um desafio que adorei e penso que consegui dar resposta

Com a necessidade de realizar aulas destas modalidades comecei a procurar informações acerca das mesmas. Após realizar alguma revisão bibliográfica, o melhor seria mesmo assistir às aulas dos colegas de grupo. Assim, comecei por ver aonde iam ser dadas as aulas relativas aquelas modalidades. Uma das coisas que descobri imediatamente foi que o Prof. Fernando é de facto um “às” em Orientação, facto que facilitou a minha tarefa. Durante a primeira aula começou por explicar como devíamos pegar no mapa, pois é extremamente importante para não nos perdermos, assim como, alguns truques muito simples para iniciar a nossa prática. Desta forma, nós os estagiários acabamos por realizar aulas juntamente com a turma de 7º ano do Professor. Nunca tendo contactado com a modalidade fiquei logo um fã incondicional. E parece que os alunos daquela escola também gostam imenso. Começa mesmo a ser cultural a realização da modalidade de Orientação na escola de Sobreira. Não ficarei surpreendido se dentro de pouco tempo ouvirmos falar de bons atletas saídos daquela escola. Em primeiro, porque o Professor tem muitos conhecimentos dentro da modalidade, depois porque em

termos culturais a modalidade está completamente adoptada e por fim o meio envolvente da escola mostra-se também propício a que se pratique esta modalidade. Falta apenas um maior investimento por parte de alguns responsáveis. Como por exemplo um clube e tempo para treinar.

Relativamente ao Badmington, a história foi mais ou menos similar. Como não possuía praticamente conhecimentos comecei por frequentar as aulas dadas pelo Professor à turma CEF 8. Ele fez sempre questão que não ficasse só a ver mas que jogasse também pois só assim podemos sentir na pele, ossos e cérebro aquilo que os alunos estão a experienciar. Procurei também acções de formação, mas não encontrei nenhuma no imediato.

Assim, em ambos os casos a experimentação prática da modalidade esteve sempre presente. Eu penso que há de facto a necessidade de praticar, por pouco que seja, aquilo que se pretende que os alunos façam. Só dessa maneira é que podemos perceber quais as dificuldades que os alunos estão ou irão sentir. E quando eles dizem que não conseguem só dessa forma podemos entender o alcance dessa dificuldade. Um outro exemplo disto são as aulas de Natação. Muitas das vezes durante o planeamento pensamos neste exercício e depois naquele e depois em mais um, sem nunca ter em conta que de facto existe uma exigência muito grande do ponto de vista físico para os alunos. Só sentindo essa exigência é que conseguimos compreender o quão difícil é realizar determinada sequência de exercícios. Mesmo na questão da recuperação, entre exercícios, é fundamental que se tenha em conta que tipo de exercício se está a realizar.

Concluindo, penso que o Professor de facto tem que ter noção da actividade que propõe, ou seja, tem que ter sentido nem que seja minimamente a exigência de determinado exercício.

4.7 Os dias especiais «Desporto Escolar; Corta Mato; Dia Wii Fit; Jornadas Pedagógicas»

Este ponto tenta descrever aquilo que se passou em termos de participação na escola. O envolvimento de todos os professores nas actividades propostas pela escola é de uma importância fulcral na criação de um ambiente positivo de ensino-aprendizagem e de relacionamento social

professor/professor e professor/aluno. Estas actividades, realizadas fora do contexto da aula propriamente dita, dinamizaram a estrutura escolar e provocaram um maior sentimento de pertença dos alunos em relação à mesma.

O Dia do Desporto Escolar (DE) realizou-se no dia 30 de Novembro de 2009 e foi a primeira actividade que encontramos pela frente. Esta actividade despoletou logo algumas reflexões em torno daquilo que foi a nossa formação na Faculdade e aquilo que realmente são as actividades na escola. Como referi em reflexão aberta da actividade do DE “ (...) são coisas para as quais a Faculdade não nos prepara. Na minha opinião a Faculdade havia de reforçar a sua formação ao nível da participação na escola. Pois nós, como estudantes estagiários, vamos ser confrontados com a necessidade de integração na comunidade escolar e chegamos à escola sem vivências para tal. O tempo de contacto com a escola que as didácticas nos dão é pouco. Mas no fundo compreende-se. Se calhar tentar criar protocolos para organização de actividades na escola era uma boa ideia. Fica a sugestão. Em minha opinião a dificuldade prende-se mais com os pormenores de organização que por vezes nos escapam, por exemplo aonde colocar a mesa de secretariado ou até mesmo como organizar os organigramas das competições. Independentemente destas dificuldades fizemos questão de durante esta actividade colocar a nossa impressão digital. Assim, convidamos a equipa de Andebol Profissional do FC Porto para uma demonstração da modalidade em questão. Esta demonstração veio a revelar-se extremamente importante pois num momento em que a actividade do DE estava em decréscimo houve um momento alto. Este momento resultou numa participação mais activa por parte dos alunos que já participavam na actividade. Percebi então que há a necessidade de equacionar este tipo de acções com momentos culminantes.

Seguiram-se mais alguns eventos ao longo do estágio dos quais destaco o Corta – Mato que teve lugar no dia 15 de Dezembro de 2009, pois obriga a uma grande cooperação entre o grupo de Educação Física. Esta cooperação revela-se fundamental porque existem muitos alunos a realizar o Corta Mato. Existindo vários locais em que a organização tem que estar presente. Durante esta actividade contamos com o apoio de alguns alunos que se revelou

extremamente importante, pois sem eles não seria possível levar a cabo a boa organização do Corta Mato. Gostaria ainda de destacar uma estratégia encontrada pelo grupo de Educação Física. Como o Corta Mato implicava mais que uma volta existiu a necessidade de controlar as mesmas. Assim a organização distribuía um elástico por cada volta, sendo que estes tinham cores diferentes de acordo com o número da volta. Na minha opinião foi uma estratégia muito conseguida.

Outra actividade levada a cabo desta vez da inteira responsabilidade do núcleo de estágio, foi o dia do Wii Fit realizado no dia 18 de Dezembro de 2009, que contou igualmente com a ajuda do grupo de EF. Aquilo que me ocorre quando penso neste dia, é o constatar de uma grande diferença social em termos de aquisição de bens. O que quero dizer com isto é que o contexto em que esta escola se insere é marcadamente rural. A zona é um local com baixo nível monetário, pessoas com pouca formação, etc., existindo muitos alunos que nunca haviam contactado com este tipo de equipamento. Senti-me muito feliz e realizado por poder ajudar a abrir horizontes aos alunos. Existiram alunos que se inscreveram propositadamente só para experimentar uma consola de jogos. Penso que esta relação com a comunidade escolar foi extremamente importante, pois mostra-nos algumas fragilidades dos alunos.

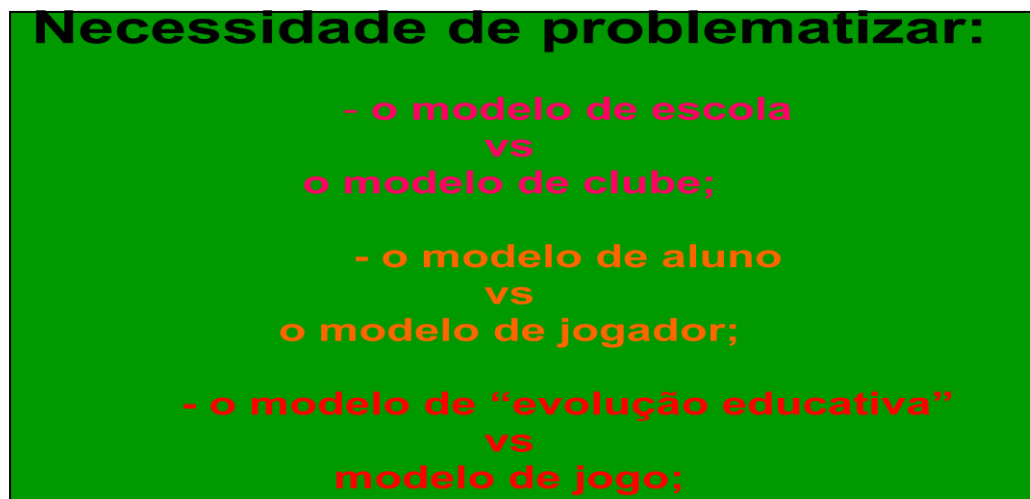
No dia 12 de Fevereiro de 2010 realizou-se o dia da Dança e como já havia referido na reflexão do evento “estas actividades são muito importantes pois por vezes podem levar as pessoas a procurar academias para praticar dança ou até alguma modalidade similar”. Penso que a escola, e as actividades de EF em particular, servem para mostrar aos alunos algumas das realidades que podem ser encontradas na sociedade. Desta forma a escola e a EF em particular podem de facto ajudar a abrir novos horizontes, ou seja, pode ser a alavanca para que os alunos pratiquem desporto fora da escola. É importante criar alunos com um sentido de responsabilidade social, ou seja, que pensem em função da sociedade. Aquilo que querem ser quando forem adultos.

Por fim, também foram realizadas as Jornadas Pedagógicas no dia 28 de Maio de 2010, onde se pretendeu trocar conhecimentos, estratégias e problemas que foram surgindo ao longo do ano. Foi um dos momentos mais

marcantes de todo o estágio porque inicialmente pensávamos que o grupo nem ia levar muito a sério esta actividade. Superaram-se as expectativas. Assim, esta actividade constava em apresentar aos colegas de grupo a nossa abordagem à modalidade Atletismo e depois dentro da área de cada um (Andebol e Futebol) mostrar também algumas reflexões. Relativamente ao Atletismo chamamos a atenção para aquilo que se produz na nossa Faculdade através do Professor Rolim. O meu colega de estágio apresentou a sua abordagem ao Andebol baseado no Modelo de Educação Desportiva.

Quanto a mim, eu levei a cabo uma reflexão em torno da maior dificuldade quando tentei abordar o Futebol na escola. Essa dificuldade prendeu--se com o constatar da falta de um elemento causal enquanto formação do aluno. Aquilo que mais dificultou a interpretação foi o facto de não conseguir enquadrar a minha intervenção sem possuir um futuro como elemento causal, ou seja, não consegui conceber a técnica sem um futuro, não consegui conceber “a tática” sem um futuro, assim como o físico etc. Por fim lancei mesmo a problemática em que enquadrei a minha reflexão. Para mim a escola carece de modelos: modelo de aluno; modelo de escola e por fim aquilo que chamei modelo de “evolução educativa”. No fundo é interpretar a escola de uma forma holística, em que o todo é maior que a soma das partes. Deixo assim o slide da apresentação em que estas ideias foram contrapostas de certa forma com as ideias de clube (figura 1). É a necessidade de modelizar comportamentos tendo o futuro como elemento causal do comportamento.

Figura 2 – Proposta de uma problemática escolar



A participação foi muito positiva, e para minha grande surpresa os colegas do grupo de Educação Física atribuíram-nos rasgados elogios às nossas aulas leccionadas ao longo do ano, assim como a algumas estratégias utilizadas durante as mesmas.

4.8 A aula de Educação Física e os alunos CEF – Estudo

4.8.1 Introdução

Nos alunos CEF, a disciplina de EF é encarada de uma forma diferente relativamente às outras disciplinas. As turmas CEF integram alunos com características muito particulares: alunos repetentes várias vezes; alunos fora da escolaridade obrigatória; alunos menos dotados intelectualmente; alunos da prática e não da teoria; alunos com comportamentos problemáticos; alunos com currículos alternativos; entre outros.

Como estamos perante turmas com características muito especiais, também o programa tem algumas características particulares, logo a EF tem como principais objectivos neste tipo de currículo promover: “O gosto pela prática regular das actividades físicas e assegurar a compreensão da sua importância como factor de saúde e componente da cultura, na dimensão individual e social. Promover a formação de hábitos, atitudes e conhecimentos relativos à interpretação e participação nas estruturas sociais, no seio dos quais se desenvolvem as actividades físicas, valorizando: a iniciativa e a responsabilidade pessoal, a cooperação e a solidariedade; a ética desportiva; a higiene e a segurança pessoal e colectiva; a consciência cívica na preservação de condições de realização das actividades físicas, em especial da qualidade do ambiente” (Programa de Cursos de Educação e Formação (PCEF) (2005), p. 4).

No que respeita especificamente à EF, embora este tipo de turma possua características muito específicas, o programa adoptado não possibilita que os alunos se formem só nas vertentes que mais lhes interessa pois como está explícito no PCEF (2005, p. 8) “o quadro conceptual adoptado possibilita não só que os alunos se aperfeiçoem nas matérias da sua preferência, mas também que, no seu conjunto, essas actividades representem, globalmente, um efeito de elevação da aptidão física geral e desenvolvimento multilateral do aluno, nos diferentes modos de prática, de operação cognitiva e de interacção pessoal, característicos das áreas de EF”. Sendo assim cabe ao Professor “a responsabilidade de escolher os objectivos de aprendizagem e as soluções pedagógica e metodologicamente mais adequadas, investindo nas competências profissionais da especialidade de EF Escolar, para que os

benefícios reais da actividade do aluno correspondam aos objectivos do programa, utilizando os meios atribuídos para esse efeito” (PCEF 2005, p. 9). Podemos então depreender que o Professor possui a liberdade de analisar a sua turma e em função disso mesmo escolher quais os parâmetros a desenvolver ao longo da formação dos alunos.

Considerando neste caso, estes alunos em concreto, estamos convictos que há que ter uma interpretação social muito forte acerca destas turmas. Ousaria mesmo a dizer que a sua arquitectura cerebral é manifestamente diferente dos demais. São alunos mais práticos, que estão preparados essencialmente para sobreviver. Segundo Punset (2008, p. 33, 34) “com excepção do neocórtex (...). Continuamos a manter a mesma estrutura do cérebro reptiliano responsável pelas funções básicas para sobreviver; do cérebro gestor das emoções, incluindo a amígdala, dos mamíferos – como os ratos que nos precederam -, e desenvolvemos o neocórtex em maior medida que os demais primatas sociais – como os chimpanzé -, se bem que ainda não se percebiam as razões disso”. Percebemos então que de facto o nosso comportamento continua direccionado para a sobrevivência, ainda mais com estes alunos pois como já pudemos verificar em termos sociais que são alunos com comportamentos fora do padrão normal. Para ilustrar o que acabamos de referir vamos utilizar estas imagens recolhidas no jornal Publico de 6 de Março (2010, p. 20):

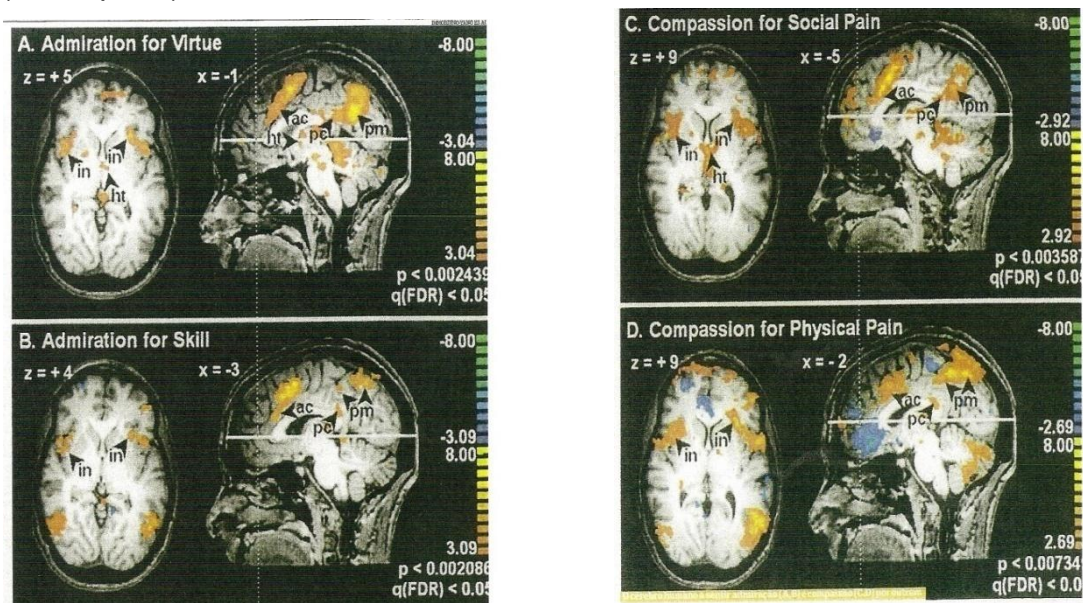


Figura 3 – “O cérebro a sentir admiração por outrem (A,B) e compaixão (C,D) por outrem” (Damásio 2010, p. 20)

Podemos então verificar na imagem (figura 2) que o nosso cérebro responde de forma diferente a diferentes estímulos. Corroborando a nossa ideia anteriormente descrita, provavelmente os alunos CEF são alunos com especificidades muito particulares. Temos então que ter consciência que em termos emocionais as pessoas reagem de forma diferente ao mesmo estímulo, embora exista sempre uma norma. Esta reacção depende da nossa arquitectura em termos cerebrais. Um dos princípios da citoarquitetónica⁹ refere que “tais diferenciações têm uma realidade funcional, isto é, que cada uma das «áreas corticais» individualizadas de acordo com estes critérios tem propriedades funcionais específicas” (Habib, 2000, p. 61). Goleman (2006, p. 224), alerta que “o cérebro humano foi concebido de modo a modificar-se a si mesmo em resposta às experiências acumuladas”. Isto reforça a ideia que para perceber este tipo de turmas é necessário ter em conta o passado destes mesmos alunos, mesmo no que toca à motivação para a aula de EF. Mais uma vez Goleman (2006, p. 224) corrobora a nossa ideia referindo que “assumiu-se durante muito tempo que os acontecimentos capazes de alterar os genes eram estritamente bioquímicos – ter uma alimentação adequada ou (no pior dos casos) ser exposto a toxinas industriais. Hoje, os estudos epigenéticos começam a observar como os pais tratam a criança em crescimento, e a descobrir como a educação modela o cérebro infantil”. Sendo assim “o natural no homem é o que resulta da hereditariedade, o cultural é o que resulta da herança (herança congénita durante a própria gestação, perinatal e pós-natal no momento do nascimento e ao longo da educação). Não é fácil fixar as fronteiras do natural e do cultural, mesmo no domínio puramente orgânico” (Malson, 1988, p. 8). Apraz-nos dizer que de facto é extremamente importante o Professor ser capaz de realizar uma análise social. Pois ao longo do crescimento dos alunos “todas as principais figuras da vida da criança – pais, irmãos, avós, professores e amigos – podem tornar-se ingredientes activos do crescimento do cérebro, criando uma mistura social e emocional que condiciona o desenvolvimento neural” (Goleman 2006, p. 225, 225). Estas afirmações transportam-nos para a necessidade de existir uma sincronização

⁹ Citoarquitetónica: “técnica de estudo do cérebro que consiste em diferenciar as diversas regiões do córtex cerebral por meio da observação das características arquitecturais das células que as constituem” (Habib, 2000, p. 61)

entre o Professor e o Alunos. Esta sincronização tem que ser essencialmente ao nível cerebral, ou seja, as ondas cerebrais tem que se relacionar de forma harmoniosa para que haja a possibilidade dos intervenientes possuírem uma boa relação. Num estudo relatado por Goleman (2006, p. 48, 49) é possível perceber a dança biológica das interações quotidianas (entenda-se neste caso interação educativa), “durante o nervoso e entrecortado diálogo da primeira sessão, as duas linhas movem-se como aves assustadas, subindo e descendo em trajectórias desencontradas. Traçam o retrato de uma desconexão. Na relação da segunda sessão, pelo contrário, voam como aves em bando, num gracioso bailado de movimentos coordenados. Quando duas pessoas sentem uma relação, revelam linhas que correm, as suas próprias fisiologias sintonizam-se”. Segundo Rosenthal (cit. por Goleman 2006, p. 50) uma conexão especial “envolve sempre três elementos: atenção mútua, pensamentos positivos partilhados e um dueto não-verbal bem coordenado. Quando estas três coisas surgem em simultâneo, catalisamos uma relação”. Quanto mais as suas posturas se aproximam do Professor, mais profundamente eles sentiam a relação e mais elevado era o nível geral de envolvimento (Goleman 2006, p. 55). Compreendemos então que quanto mais o Professor se envolver com os alunos, quanto mais empatia conseguir criar com eles mais forte vai ser a relação entre Professor e alunos. “Quanto mais sincronia acontecer, mais semelhantes serão as emoções que as duas partes sentem; entrar em sincronia cria uma equivalência emocional” (Goleman 2006, p. 56). Após tudo aquilo que foi dito podemos então reforçar que é importante que o Professor seja um agente educativo emocional, ou seja, que não se fique somente pelas características do ensino a nível de conteúdos a ensinar, mas que interaja de forma a cativar os alunos. Segundo Punset (2008, p. 183, 184) “é importantíssimo que as crianças recebam uma educação emocional (até aos 16 ou 18 anos), porque até hoje limitaram-se a receber uma instrução: sempre existiu uma prioridade cognitiva e de conhecimentos quase absoluta. O que se procura hoje é que o professor trabalhe o campo emocional e proceda à «alfabetização emocional»: o papel da amizade, a confiança, as relações sociais, entender como estes e outros factores promovem a lealdade, a empatia, a solidariedade... Precisamos de construir essa estrutura educativa e, para isso, é necessário estabelecer um debate científico e pedagógico”. Logo a

educação não se pode cingir única e exclusivamente aos processos de inteligência e desenvolvimento cognitivo, é fundamental direccionarmos-nos para os processos emotivos. Marchesi (2004, cit. por Punset 2008, p. 181) refere que “não se trata somente de ter emoções tranquilas e sossegadas, como se pensava antigamente, mas sim de as incorporar de modo a favorecer o desenvolvimento da pessoa. Trata-se, em suma, de aprender a desfrutar da vida e de ser feliz”. Deduzimos então que deverá ser o Professor a activar estes processos emocionais, pois como sugere Damásio o processo emocional parte sempre de um estímulo exterior, depois produz-se uma activação fisiológica e, quase imediatamente, uma avaliação mental (um grito, aceleração do pulso, chamar a policia) (Punset 2008, p. 181). Isto remete-nos para um determinado contexto, ou seja, “caso não se produzam mudanças somáticas que o cérebro possa ler e compreender, o surgimento de um sentimento forte ou intenso não é possível” (Punset 2008, p. 182).

Devemos também considerar os contextos em que se desenvolvem as relações. Sendo assim os ambiente devem ser constantemente enriquecidos e desafiadores, pois como destaca Diamond (cit. por Healy 1990, p. 47) “ quando enriquecemos o meio ambiente, conseguimos obter cérebros com um córtex mais grosso, mais ramificações das dendrites, mais axónios e corpos celulares mais desenvolvidos”, ou seja, “o cérebro pode desenvolver novas conexões, com a estimulação ambiental” (Jensen 2002, p. 52). Há então a necessidade de captar a atenção do cérebro, porque “a susceptibilidade do cérebro em prestar atenção é muito influenciada por aquilo que a desperta”, sendo assim a atenção selectiva depende da supressão de dados irrelevantes e da amplificação de dados relevantes (Jensen 2002, p. 72). Como referimos anteriormente e corroborado agora por Jensen (2002, p. 60) “o melhor modo de desenvolver um cérebro é através da resolução de problemas que constituem desafios (...) As crianças necessitam de resolver problemas complexos e aliciantes”. Tendemos então a afirmar que este desafio em EF nos remete para o jogo “a partir do exercício (entenda-se jogo) (aprendizagem motora repetida), o cérebro desenvolve uma maior densidade dos vasos capilares” (Black *et al.*, 1990). Sendo que alguns investigadores, Fuchs, Montmayor e Greenough descobriram que uma área do mesencéfalo envolvida no processamento da

atenção – o colículo superior – tinha crescido mais cinco ou seis por cento num ambiente enriquecido. Sendo assim “jogar é estar em acção e é através da acção que construímos a nossa percepção do Mundo” (Araújo 2009, p. 132). Assim sendo “o comportamento humano é genuinamente intencional porque só os seres humanos guiam o seu comportamento por um conhecimento do que aconteceu antes de nascerem e uma preconcepção do que pode acontecer depois de morrerem” (Medawar & Medawar 1977 cit. por Januário 1996, p. 7). Chegamos então á conclusão que um dos aspectos fundamentais no enriquecimento é o desafio, ou seja, há a necessidade de os ambientes enriquecidos possuírem tarefas desafiadoras. “Hoje em dia as provas de que os ambientes enriquecidos realmente desenvolvem melhor um cérebro são esmagadoras. Além disso, o cérebro desenvolvido precocemente é o que cresce de forma mais rápida e o que está mais preparado para a mudança. Essa oportunidade tem que ser aproveitada” (Jensen 2002, p. 67).

Com aquilo que acabamos de expor pretendemos com este estudo verificar se a EF proporciona mais prazer aos alunos com as características CEF. Assim como tentar perceber se a estrutura (a Prática) é vista de forma diferente das outras disciplinas pelos alunos CEF.

4.8.2 Metodologia

4.8.2.1 Caracterização da amostra

A amostra é constituída por seis alunos, quatro do género masculino e 2 género do feminino, pertencentes á turma PP9 curso CEF. Os alunos foram entrevistados e são identificados de A1 a A6.

4.8.2.2 Metodologia de investigação

Ao nível teórico foi efectuada uma pesquisa bibliográfica e documental, seleccionando a informação disponível que mais se enquadrava com o tema em questão. Com base na mesma e de acordo com as nossas preocupações fundamentais, elaboramos uma série de questões guia, que serviram de suporte às entrevistas realizadas.

A recolha de dados foi realizada com o respectivo conhecimento dos responsáveis e ocorreu nos dias 14 e 21 de Maio de 2010, respectivamente três entrevistas por sessão. As entrevistas foram realizadas na Escola EB 2,3 de Sobreira – Paredes.

Para a recolha dos dados foi realizado um guião de entrevista, e as mesmas registadas num gravador “*Nokia E72*”. As questões foram de natureza aberta, para que os intervenientes pudessem expor os seus pontos de vista de uma forma clara e a mais aprofundada possível.

A duração média das entrevistas foi de 9 minutos e 22 segundos. Posteriormente as entrevistas foram transcritas para papel e seguem em anexo.

4.8.3 Resultados e Discussão

4.8.3.1 O Professor

Segundo o entrevistado A1 um bom Professor é aquele que “é amigo e que explica bem”, sendo assim percebemos logo que um dos aspectos mais importantes a reter num Professor é que ele se saiba relacionar com os alunos. Este tipo de resposta foi transversal a praticamente todas as entrevistas: “entrar em diálogos connosco, entrar no jogo ... dar ânimo” (A2); “ser simpático” (A4); “dar-se bem com os alunos, compreender os alunos, divertir-se com eles” (A5); “que seja amigo dos alunos” (A6). Somente um dos entrevistados não referiu a palavra amizade relativamente a este assunto. O entrevistado A3 referiu que para ele o bom Professor era aquele que “ensina bem e explica bem as coisas (entenda-se matérias/conteúdos). No entanto não foi o único a referir estas características sendo que também os entrevistados A1 e A6 também o fizeram. Quando questionados acerca de qual o melhor Professor que tiveram os entrevistados foram unânimes em reconhecer que o Professor deste ano e o Professor Fernando Vaz foram os que mais os ajudaram, destaque também para as entrevistadas (género feminino) que referiram que a Professora Marta foi aquela que mais os ajudou. Depreendemos nós que este facto corresponde a um mais fácil relacionamento entre géneros e uma mais fácil partilha de vocações. Quando questionados do porquê desta

preferência os entrevistados afirmaram que o facto de saber ajudar, o facto de compreender as suas especificidades e por vezes o realizar a aula entrando nos exercícios propostos leva a que eles se sintam mais confiantes. Como refere A1 “ajudar quando as precisam, entendem as nossas dificuldades e tentam ajudar-nos”, A6 reforça esta ideia ao dizer “porque sabem lidar connosco. Porque ouvem-nos, entendem-nos e aconselham-nos”.

Parece ser unânime a necessidade de estabelecer uma relação entre o Professor e o Aluno de forma a todo o processo sair beneficiado. Desta forma a possibilidade de o Professor partilhar de certa forma os gostos, rotinas e até temas de conversa com os alunos leva a que na opinião do entrevistado A3 a interacção seja mais fácil, ou seja, “falamos mais (...)”. Segundo o entrevistado A6 “se o aluno não sentir amizade do outro lado (entenda-se Professor) não vai ligar nenhum à aula”. Isto remete-nos para a necessidade de criar uma boa relação entre o Professor e o Aluno para poder ensinar melhor os conteúdos. Em nossa opinião isto remete-nos para a ideia de que se o ambiente de relacionamento for positivo o aluno está sempre mais receptivo aos conteúdos.

4.8.3.2 A Aula

Pretendíamos com este ponto perceber o porquê da aula de EF ser vista de uma forma diferente pelos alunos. Sendo assim, parece que o termo liberdade assume consenso, ou seja, o espaço amplo, sem o constrangimento de paredes e o próprio movimento desportivo assumem-se como o “grito de Ipiranga” por parte dos alunos. Os entrevistados referem também que quando a aula é mais desafiadora ou propõe outros tipos de actividades há uma maior aderência por parte dos alunos. O entrevistado A2 refere mesmo acerca da aula de Português que se os exercícios propostos fossem em forma de jogo, era mais fácil motivar os alunos, “Só nos metem fichas à frente. Para nós não dá isso! Por exemplo, sopa de letras, não faz nada disso”, e mais adiante refere mesmo que, “ quem acabasse primeiro podia receber um chocolate”, ora está implícito a necessidade da criação de desafios para que o ambiente de aula seja de facto enriquecedor. No entanto embora concordemos com este tipo de negociação devemos utiliza-la como forma de recompensa e não de “compra” ou chantagem. Segundo Azevedo & Shigunov (s.d.) e tendo em conta uma

abordagem Construtivista-Interacionista “o jogo é privilegiado como sendo ‘um instrumento pedagógico’ ou seja o principal modo/meio de ensinar. Logo enquanto a criança brinca ela aprende”, o processo de aprendizagem ocorre num ambiente lúdico e cheio de prazer. Como já referimos o aspecto do jogo e da liberdade são duas constantes das afirmações dos nossos entrevistados. O entrevistado A6 refere que as aulas devem ser “muito práticas. Como estamos a fazer agora, Voleibol, Ginástica...” e alerta para a necessidade de a teoria ser abordada durante a prática como um todo “É mais interessante ir praticando e aprendendo a teoria ao mesmo tempo”, isto remete-nos para a necessidade dos alunos contactarem constantemente com o desafio, ou seja, provarem que de facto o que lhes é dito é realmente verdade. Para os entrevistados A1 e A4 o aspecto mais relevante prende-se com “a liberdade da aula” (A4) mas sempre dentro de uma liberdade controlada como refere A1 “Liberdade é quando nós pedirmos alguma coisa, dentro das normas deixar fazer”.

4.8.3.3 O gosto pela aula de EF

Neste ponto do nosso estudo os entrevistados foram peremptórios ao afirmar que muito dificilmente poderiam gostar mais das aulas de EF do que aquilo que já gostam. Um dos entrevistados vai mais longe e afirma que “Eu gosto mais de EF. Pratico desporto. As outras não são a mesma coisa, também não gosto de estudar” (A3), e quando questionado se achava que esse seu gosto vinha das suas experiências anteriores por exemplo na rua refere que “Sim, com os vizinhos. Deve vir daí”. Isto na nossa opinião remete-nos para a necessidade de considerar a actividade desportiva como movimento intencional, ou seja, como incorporação de um hábito. Isto leva-nos para o domínio do inconsciente, para o sentido educativo do movimento, pois como refere o entrevistado A5 “Ao principio não gostava de Voleibol por causa da rede, mas agora gosto. (...) Tenho que jogar com os colegas. (...) Num jogo é sempre importante, o colectivo”, na nossa opinião este aspecto é um ganho muito importante em termos sociais e em termos de motivação para a prática. Nenhum dos nossos entrevistados referiu que não gostava da disciplina ou das aulas que foram propostas ao longo do ano. No entanto, existe sempre alguma baixa de motivação para as modalidades individuais tais como Ginástica e Natação. A Natação apresenta-se mais pelo género feminino já que o aparecer

com pouca roupa ainda causa de facto algum tabu. Para comprovar a entrevistada A1 refere quando questionada acerca da não frequência às aulas de Natação “porque a nossa turma é só rapazes”. Também a entrevistada A4 quando questionada acerca das causas que a levaram a não realizar aulas de Natação referiu peremptoriamente que sente vergonha por ter muitos rapazes. Pois neste caso concreto ainda mais porque a turma é maioritariamente constituída por alunos do género masculino. Já a modalidade Ginástica é pelo facto de os Professores ainda utilizarem um método de abordagem analítico, ou seja, rolamento á frente, rolamento atrás, o que na nossa opinião empobrece o ambiente de aprendizagem. Para A2 a modalidade que menos gosta de praticar é Ginástica, e quando questionado porquê o entrevistado afirma que “é sempre a mesma coisa, rolamento á frente, atrás, etc. (...) é uma seca”. Torna o ambiente pouco desafiador.

4.8.4 Considerações finais – Estudo

Nesta parte final do estudo, entendemos ser importante sistematizar e evidenciar um conjunto de conceitos e ideias evidenciadas pelos alunos:

- O Professor é de facto um elo muito importante em todo o processo educativo.
- As características apontadas para se ser um bom Professor é a amizade, simpatia e a sua qualidade como pedagogo (explicar bem e ensinar bem).
- Os Professores que os marcaram mais foram os de este ano lectivo (Prof. Fernando Vaz e Prof. Pedro), justificando que era porque os sabiam ajudar e entediavam os seus problemas.
- Ficou evidente também que há uma necessidade muito grande de estabelecer uma relação sincronizada entre o Professor e o Aluno.
- Relativamente à aula propriamente dita os alunos referiram que a liberdade é de facto muito importante, assim como um ambiente desafiador que leva os alunos a empenharem-se ainda mais.
- O jogo assumiu-se como principal factor motivador pois cria um ambiente lúdico e cheio de prazer.

- O gosto pela actividade desportiva assumiu-se sempre um aspecto presente, e como tal difícil de aumentar o gosto pela mesma.
- As experiencias passadas foram referidas como importantes para o gosto da actividade desportiva.
- Ficou evidente também que o Desporto surge como uma actividade libertadora do stress diário.

5 – Considerações finais e perspectivas futuras

“Creio que não existe uma estrada principal na ciência... estamos numa floresta e descobrimos o nosso caminho por ensaio e erro, construindo nossas próprias estradas à medida que avançamos”

(Max Born cit. por Frade 1985, p. 54)

Chegados aqui deduzimos que é apenas o início. Para nós este é o ponto de partida para mais uma cavalgada em busca do conhecimento e do aperfeiçoamento. Temos sempre presente que o ser humano é inesgotável, ou seja, é sedento de conhecer mais, de evoluir até ao infinito. Assim o “Homem como unidade indissociável. E é em parte uma fábrica química, em parte uma máquina calculadora, **em parte uma alma pensante**... Estas representações complementam-se, mas nenhuma esgota o sujeito” (L. Brillouin cit. por Frade 1985, p. 49). Partimos então em busca do amadurecimento das nossas acções e pensamentos.

O caminho foi longo e por vezes difícil, mas fica no final o sentimento de dever cumprido. Várias realidades foram alvo das nossas reflexões. Reflexões estas que foram sempre condicionadas por um contexto físico e espiritual, pois não nos compete a nós dissociar o corpo da alma. Só desta forma pensamos que cumprimos o nosso dever, ou seja, só sendo de facto corpo pensante em alma pensante. Não nos guiamos somente pela ciência pois como refere Rostand (sd cit. por Frade 1985, p. 55) “a ciência explicará tudo e nós não ficaremos mais esclarecidos: ela fará de nós deuses atordoados”. Foi sempre nossa intenção recusar o cientismo e a credulidade do saber nas ciências do desporto, isto porque entendemos nós que ainda falta percorrer um largo caminho para concretizar o Desporto numa ciência una. Assim Holton (1978 cit. por Sobral 1995, p. 8) refere que “qualquer trabalho científico é um acontecimento em que podemos identificar oito aspectos que levam a outras tantas modalidades de investigação ou de meta-investigação: epocalidade, articulação, contexto da descoberta, trajectória pessoal, evolução psicobiográfica do autor, características sociológicas do meio, mudança cultural e conteúdo lógico da obra” (Sobral 1995, p. 8). Citando novamente Sobral

(1995, p. 8) “ não conheço no domínio das ciências do desporto, qualquer análise da obra de um autor ou de uma corrente que tenha levado em conta todos ou alguns destes aspectos de uma maneira consequente”. Foi então nossa intenção ao longo do trabalho não nos ficarmos unicamente por uma vertente científica, nem por uma época nem reduzindo tais realidades ao empobrecimento. Foi antes nosso propósito colmatar em termos científicos todas as opções tomadas ao longo do nosso estudo. Tendo sempre consciência que muito dificilmente conseguiríamos aceder a todos os aspectos da nossa memória. Tivemos sempre muito presente que existem várias realidades e que todas elas possuem uma validade prática. Como nos mostram o cubo de Necker (s.d figura 3):

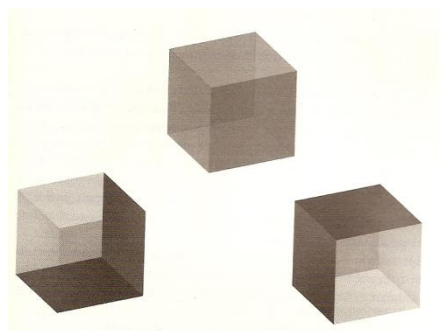


Figura 4 – Cubo de Necker (Punset 2009, p. 399)

Citando Punset (2009, p. 399) “ nem sempre existe uma única realidade. Depende do teu cérebro”, desta forma aquilo que aqui trouxemos foi a nossa realidade, uma realidade vivenciada de perto em que os problemas tiveram que ser solucionados no aqui e agora do nosso processo. Fomos sempre nós e as nossas circunstâncias, pois como refere Mendes (1969, p. 34) “não podemos de facto ignorar que o Homem não é ele apenas, mas sim ele mais as suas circunstâncias”. E este estágio, com todo o constrangimento que foi o processo de Bolonha, foi mesmo isso. Com todo o trabalho árduo que esta intrínseco a todo um ano lectivo, as transformações que se viveram na Faculdade vieram ainda condicionar mais este processo de estágio. Vimos no entanto este relatório como um espaço de criatividade, de explanação de emoções e ideias que durante o curso nos pareceu um pouco impossível de realizar.

Em termos futuros pensamos que este novo modelo de trabalho final de curso poderá vir a ser extremamente benéfico na criação de mentes autocríticas e auto-fundadoras de novos paradigmas de pensamento acerca da escola. Deixamos também a sugestão. Pensamos que o estudo inerente a este relatório deveria ser iniciado o quanto antes. Pensamos por exemplo que cada Orientador deveria ter um tema e que esse tema deveria ser desenvolvido pelos diversos núcleos atribuídos ao mesmo Orientador. No nosso caso concreto pensamos que por exemplo o nosso estudo e ensaio se fossem desenvolvidos por mais que uma mente, poderia de facto constituir-se como documento orientador em termos de qualidade do Professor. No entanto, compreendemos perfeitamente que foi um ano de muitas mudanças, um ano atribulado para todos.

Para finalizar “a única acusação que é legítimo referir a uma construção teórica, não é o excesso de afastamento da realidade, mas sim um afastamento insuficiente; não é o abusar dos poderes de imaginação e da linguagem, pelo contrário, a sua não utilização plena” (Moscovici, *La société contre nature*, cit. por Frade 1985, p. 1).

6 Bibliografia

Análise do contexto da escola EB 2,3 de Sobreira. *Documento interno da escola EB 2, 3 de Sobreira* (2009).

Araújo, M. J. (2009). *Crianças ocupadas: como algumas opções erradas estão a prejudicar os nossos filhos*. Prime Books.

Azevedo, E. e Shigmov, V. (2010). Reflexões sobre as abordagens pedagógicas em educação física. Consult 14 Junho 2010, disponível em www.boletimEF.org.

Bento, J.O. (2008). *Formação de Mestres e Doutores: Exigências e competências*. Edições Belo Horizonte.

Black, J.E., et al (1990). *Learning causes synaptogenesis, while motor activities causes angiogenesis, in cerebellar cortex of adults rats*. Proceedings of the National Academy of Sciences.

Costa, C (1986). *No clube também se ensina...e se aprende* (pp. 93-96). Editora Horizonte.

Damásio, A. (2001). *O sentimento de si: O corpo,a emoção e a neurobiologia da consciência*. Publicações Europa- América.

Damásio, H. (2010, 6, Março). *O cérebro humano a sentir admiração e compaixão por outrem*. Jornal O Público, pp.20.

Dicionário da Língua Portuguesa (7ª edição). Porto Editora.

Fachs, J.L., Montemayor, M. e Greenoughl, W.T. (1990). *Effect of environmental complexity on the size of superior colliculus*. Behavioral and Neural Biology.

Fortin, R. (2007). *Compreender a complexidade: Introdução ao método de Edgar Morin*. Intituto Piaget Edt.

Frade, V. (1985). *Curso de actualização de futebol: Alta competição no futebol –que exigências de tipo metodológico?.* ISEF – UP.

Frade, V. M. C. (1990). *A interecção invariante estrutural da estrutura do rendimento do futebol como objecto de conhecimento científico: uma proposta de explicitação de causalidade*. Porto: Projecto para prestação de provas de douturamento apresentado à Faculdade de Desporto e Educação física da Universidade do Porto.

Frade, V. (apontamentos das aulas de metodologia I – rendimento futebol, 2006-2007).

Garganta, J. (Ed). (2000). *Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos*, In Fonseca, A.M. *A motivação dos jovens para o desporto e os seus treinadores*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

Habib, M. (2000). *Bases neurológicas dos comportamentos*. Lisboa: Climepsi editora.

Healy, J. (1990). *Endangered minds: Why our children can't think*. Nova Iorque: Simon and Schuster.

Jensen, E. *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens: um guia para educadores*. Edições ASA.

Lewis, D. (1989). *Mentes abertas, dê aos seus filhos um futuro brilhante*. Editora Caravela.

Malson, L. (1988). *As crianças selvagens: Mito e realidade*. Porto: Livraria Civilização.

Medawar, J. & Medawar, P. (1977). *Do pensamento do Professor à sala de aula*. Coimbra: Livraria Almedina

Mendes, F. N. C. (1969). *Conceito actual de educação física: humanização do movimento*. Editor Mário Cabral.

Mendes, N. (1970). *A ti professor eu acuso*. Básica Editora.

Mendes, N. & Fonseca, V. (1982). *Escola escola quem és tu?*. Básica Editora.

Mesquita, I. (2005). *A pedagogia do treino: A formação em jogos desportivos colectivos*. Lisboa: Livros Horizonte.

Programa dos Cursos de Educação e Formação (2005). *Componente de formação sociocultural: disciplina de Educação Física*. Direcção geral de formação vocacional.

Morin, E. (2003). *Introdução ao pensamento complexo*. Instituto Piaget Edt.

Neville, B. (1990). *Coaching volleyball sucessfully*. Human Kinetics, Champaign, Illinois.

Normas orientadoras do estágio profissional do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em ensino de educação física nos ensinos básico e secundário. Porto: Faculdade de desporto e educação física, 2009 - 2010.

Punset, E. (2008). *A alma está no cérebro: Radiografia da máquina do pensar*. Publicações Dom Quixote.

Punset, E. (2008). *Viagem à felicidade: As novas chaves científicas*. Publicações Dom Quixote.

Punset, E. (2009). *Frente a frente com a vida, a mente e o Universo*. Publicações Dom Quixote.

Pereira, P. S. (2009). *Plano de formação individual*. Sobreira: Escola EB 2, 3 de Sobreira.

Pereira, P. S. (2009). *Caracterização da turma PP9 da Escola EB 2,3 de Sobreira*. Trabalho realizado no âmbito do estágio profissionalizante realizado no 2ºano do 2ºciclo de estudos em ensino de educação física e desporto nos ensinos básico e secundário, 2009.

Pereira, P.S. (2009,2010). *Dossier de estágio individual realizado na Escola EB 2,3 de Sobreira*.

Ramos, M. S. (2009). *Teoria do caos – potencialidades na modelização da aprendizagem de conceitos anfíbios*. Edições Colibri – Instituto Politécnico de Lisboa.

Regulamento do segundo ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em ensino de educação física nos ensinos básico e secundário. Porto: Faculdade de desporto e educação física, 2010.

Rodrigues, A. (2001). *A formação de formadores para a prática na formação inicial de professores*. Comunicação apresentada no Seminário: Modelos e Práticas de Formação Inicial de Professores, Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da educação.

Saramago, J. (2003). *Ensaio sobre a cegueira*. Bibliotex editor.

Sobral, F. (1995). Cientismo e credulidade ou a patologia do saber em ciências do desporto. *Movimento*, 3, 7-16.

7 Anexos

Guião entrevista para o estudo FADE – UP

Escola EB 2,3 de Sobreira Paredes

- 1 –

O PROFESSOR

Para ti quais são as características de um bom professor?

Qual foi o melhor professor de Educação física que tiveste? Porque?

- 2 –

A AULA

Como achas que deviam ser dadas as aulas de Educação física? Porque?

Com jogos? Com mais liberdade?

Quais os tipos de aulas que mais gostas? Porque?

- 3 –

O GOSTO PELA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Qual a principal diferença entre as aulas de Educação física e as restantes?

De que forma seria possível melhorar o gosto pela disciplina?

Sentes que por vezes falta de motivação para as aulas? Isso influencia a tua performance? Porque? De onde deriva essa falta de motivação?

Anexo 1 - Entrevistado A1

Quais as características de um bom professor?

Que seja amigo, que explique bem.

Qual o melhor professor de educação física que já tiveste?

O do ano passado e este ano. (professora Marta e você e professor Fernando).

Porque foram os melhores? O que vias neles?

Porque sabem ajudar quando as pessoas precisam, entendem as nossas dificuldades e tentam ajudar-nos. Não ralham connosco.

Se o professor te chatear para fazer sempre as aulas gostas na mesma? Achas isso bom?

Acho bem porque deve puxar por nós, senão parece mal não fazermos.

Se o professor partilhar dos mesmos gostos que tu tens é mais fácil ter uma boa relação? Por exemplo, a maneira como o professor Fernando encara os castigos...é dessa maneira que também vês a escola?

Há castigos que não deviam ser feitos na escola. Acho que ser expulso sem fazer nada não é justo ou só por dizer que foi aquele. Como já aconteceu com dois colegas.

Como achas que as aulas deviam ser dadas?

Como estão, estão bem.

O que têm? Com jogos? Liberdade?

Liberdade e quando nós pedirmos alguma coisa, dentro das normas deixar fazer.

Em relação à intervenção do professor. Achas que deve estar sempre a chatear ou deve dizer uma vez e esperar?

Dizer e esperar a ver se está mal e corrigir.

Quais os tipos de aulas que mais gostas?

Todos, menos natação.

Porquê?

Porque a nossa turma é só rapazes e muitas vezes não gostam de ter aula connosco.

Se fosse uma professora em vez de um professor era mais fácil?

Sim. Mas também não as fazia todas.

Isso também faz com que tenhas mais ou menos vergonha?

Um pouco.

Qual a diferença que encontras entre a aula de educação física e outras aulas?

Esta é mais livre, as outras temos que estar dentro de uma sala a fazer o que é pedido.

A liberdade é por ser ao ar livre? Se a aula fosse ao ar livre era diferente?

Sim. Ao menos distraíamos-nos ao ar livre.

Tu fazes educação física e não estás distraída, estás a fazer na mesma a aula...

Sim, mas quando alguém faz alguma brincadeira rimo-nos.

È mais fácil haver uma relação de brincadeira...

Sim.

Gostas de educação física?

Gosto.

Achas que é possível melhorar o gosto pela educação física?

Não.

Sentes por vezes falta de motivação para as aulas?

Às vezes sim.

De onde vem?

Vem de mim. Às vezes venho de casa e não me apetece fazer, porque tenho outra vida.

Tens que trabalhar em casa?

Sim.

Chegas cansada?

Não venho com tanta vontade. Também não tenho quem me dê vontade em casa para fazer as coisas.

Tens menos falta de vontade para determinadas aulas?

Não, é tudo igual.

A principal diferença é mesmo o espaço...E o professor...

O professor desde que compreenda as coisas...alguns não compreendem...a professora de português.

Mas porquê?

Porque não podemos dizer nada que ela prende-nos muito. E o professor de TIC.

Se a aula de português fosse dada com jogos era uma aula melhor, pior, mais ou menos motivadora?

Ela põe-nos a ver filmes e está na mesma a ralhar connosco. Não é preciso jogos, é preciso que ela tenha um bocado mais de paciência porque as pessoas não são todas iguais.

Mas também não achas que as vezes vocês exageram um bocadinho?

Alguns sim.

Anexo 2 - Entrevistado A2

Relativamente ao professor quais são as características de um bom professor?

Entrar em diálogos e esquemas connosco fazendo por exemplo, jogos, entrar no jogo, no exercício...dá mais animo.

Qual o melhor professor de educação física que tiveste?

Professor Fernando, Marta, e você.

E porquê? Que características vêς nesses professores?

Entram em esquemas connosco, tive experiências que nunca tive com outros. Fazemos outro tipo de coisas.

Achas que a interacção professor - aluno é fundamental!? Mas essa interacção como deve ser? Achas que é porque eu gosto do mesmo que tu gostas ou porque tento partilhar do que tu gostas ou porque nos ajudamos mutuamente?

Porque nos ajuda.

Mas por exemplo, tu já és jogador de futebol, eu também gosto de futebol, é por isso que gostas mais de mim?

Não. É também da maneira como lida connosco.

Esse lidar...A escola é muito fechada, já percebeste que eu e o professor Fernando achamos que a escola devia ser diferente mesmo no que respeita aos castigos, achas que a forma como nós lidamos com os problemas é melhor?

No ano passado tínhamos uma directora que com ela nós já estávamos todos em casa.

Vocês são um bocadinho rebeldes...Tens noção que prejudicas a escola com os teus comportamentos mas depois para remediares esses

problemas o ser obrigado a participar na escola, ajudar a escola é uma melhor forma?

Acho que ajuda a remendar os erros.

Como achas que deviam ser dadas as aulas de educação física?

Acho que estão a ser bem dadas. Está tudo direito. Há mais interacção.

O que achas da liberdade?

Se tivermos um professor sempre em cima de nós sentimo-nos muito presos.

Por exemplo, num jogo quando chamo a atenção (cuidado com a posição das mãos) e depois fico a seguir, a observar e não estar sempre a pressionar... é essa a liberdade importante? Não estar sempre na marcação cerrada?

Sim isso é bom porque nem ficamos chateados mas vamos compreendendo o erro e tentamos melhorar.

Achas que é esse o problema das outras aulas?

De português é! A professora não dá o braço a torcer nós também não damos. É o mal. O problema já veio desde o início.

Mas são as aulas?

Também. Só nos mete fichas à frente. Para nós não dá isso! Por exemplo, sopa de letras, não faz nada disso.

Gostavas mais de jogos é? Achas que o jogo desafia mais?

Sim. Por exemplo, quem acabasse primeiro receber um chocolate.

Gostam de recompensa? Por exemplo, no fim de dar uma matéria fazer um jogo livre ou achas que dar a aula ao ar livre é que é a liberdade?

Não. Não é preciso estar cá fora. Dentro da sala podemos ter essa liberdade, fazer outras coisas mas também estar atento a aula.

Respeitar o individual, a liberdade de cada um. Achas que a educação física respeita a tua liberdade? Por exemplo, estás a jogar futebol mas tu podes jogar o que tu jogas, exprimir a tua liberdade. Achas que é essa a liberdade que precisas?

Não porque os outros também precisam de jogar.

Achas que é tu poderes exprimir, pôr um bocadinho de ti no jogo?

Talvez seja um bocadinho por aí. Mas os outros também têm que jogar.

Quais os tipos de aulas que mais gostas? Por exemplo, quando tivemos natação, essa modalidade obriga-nos a fechar mais a liberdade...

Mas mesmo assim fizemos coisas engraçadas.

O quê? O que gostaste mais?

A corrida, quando tentamos jogar voleibol na água...foi porreiro!

Relativamente ao gosto pela educação física, qual a principal diferença com as restantes disciplinas?

A aula de português já referi. Em inglês temos amizade com a professora. Ciências é tudo direito. Cidadania também. Matemática o professor não tem força para segurar na turma. Pastelaria também é tudo direito.

Achas que tem no mínimo que haver relação de amizade? Se não tiver não vai correr bem?

Penso que sim. Na nossa turma pelo menos...No ano passado com o professor de pastelaria também havia sempre guerra. E agora damo-nos cinco estrelas.

É tu olhares para o professor e poderes confiar nele, poderes contar com ele, dás-te melhor é isso?

É amizade em si. Poder contar com ele.

Relativamente à aula de educação física de que forma seria possível melhorar o gosto pela disciplina? Para ainda gostares mais?

Não dar ginástica!

Mas porquê? Não consegues fazer?

Consigo mas não gosto.

Sentes por vezes falta de motivação para as aulas?

Quando é ginástica.

E de onde vem essa falta de motivação?

Nunca fui um “às”, nunca gostei.

Mas porquê? Porque são pouco competitivas?

No ano passado com a professora Marta era sempre a mesma coisa.

Anexo 3 - Entrevistado A3

Quais as características de um bom professor?

Ensinar bem, explicar bem as coisas.

Qual o melhor professor de educação física que já tiveste?

Você.

Porquê?

Porque ensina bem as coisas e é divertido.

Os outros colegas referiram que o professor devia saber ouvir os alunos. Também partilhas dessa opinião?

Também. Para correr sem chatices.

Achas que se o professor partilhar dos mesmos gostos do aluno a interacção é mais fácil?

Porque falamos mais. Com a professora de português não dá mesmo. Não adianta falar com ela, desde a primeira aula que nos disse que não ia ajudar.

Achas que se ela viesse para as aulas com revistas de futebol ía ajudar?

Se calhar ía mudar.

A matéria não ajuda?

Sim. Mas também se ela não ensinar bem...dá as fichas e não explica. Fazei para aí.

Como achas que deviam ser dadas as aulas de educação física?

Sempre práticas. Jogos...

O que achas da liberdade nas aulas de educação física?

Estar à vontade.

Só isso? Às vezes as pessoas associam liberdade ao espaço por ser ao ar livre ou dentro de uma sala...achas que isso tem alguma influência?

Sim. É mais stressante estar lá fechado.

Se a aula de português fosse dada no campo de futebol exterior só isso já mudava a aula?

Mesmo assim se ela continuasse a ser a mesma professora não ia mudar nada.

Quais os tipo de aulas que mais gostas?

Práticas sempre. Não estar sempre a escrever, fazer coisas diferentes. Variar.

Na aula de educação física, achas que as regras serem dadas em jogo é melhor? Ou é melhor dar as regras para estudar antes e depois aplicar em jogo?

Se fossem dadas todas antes uma pessoa ia perder-se.

Qual a diferença entre a aula de educação física e as outras?

Eu gosto mais de educação física. Pratico desporto. As outras não são a mesma coisa, também não gosto de estudar. Aqui o professor manda e nós fazemos.

Achas que é pelas tuas vivências anteriores? Jogavas na rua?

Sim, com os vizinhos. Deve vir daí...

De que forma era possível melhorar ainda mais o gosto pela educação física?

Seguir o curso de educação física, desporto.

Sentes por vezes falta de motivação para a aula?

Às vezes. Quando estou em baixo.

Mas porquê? Vens chateado de casa?

De casa nunca venho chateado.

É a namorada?

É...é sempre. Às vezes quando falto também é para aliviar o stress, para não me chatear com ninguém.

Anexo 4 - Entrevistado A4

Relativamente ao professor, quais são as características de um bom professor?

Ser simpático, respeite os alunos.

Só isso? O ser simpático é o quê? É só fazeres o que tu queres? Ou porque exige?

Nem tudo...

Um professor que possas confiar nele. Qual o melhor professor de educação física que tiveste?

A professora Marta.

Mas porquê?

Era fixe.

Mas porque era mulher? Era fixe porquê?

Porque gostava de falar com ela.

Ela ouvia-te? Era tua amiga? Podiam falar de questões de raparigas?

Sim.

Então quer dizer que para ti um bom professor é uma pessoa que podes confiar nele e falar das tuas coisas... Se for noutra disciplina é a mesma coisa?

Não.

A professora de ciências é mulher também...é a mesma coisa? Falas também com ela?

Não.

Então é por ser a professora de educação física?

Era.

Achas que o professor de educação física é uma pessoa mais aberta, mais simpática?

Eu lidava bem com ela.

Achas que o professor de educação física é um professor mais livre?

Acho. Ouve mais o que dizemos.

Ou é pela aula?

Não. Ouve-nos mais e ajuda-nos.

Como achas que deviam ser dadas as aulas?

Como estão a ser.

O que gostas mais? Dos jogos? Da liberdade?

Da liberdade.

Mas o que é liberdade para ti? Eu não exigir de ti ou exigir de ti mas deixar-te durante algum tempo tentares remendar o teu erro e só depois chamar-te a atenção, estar sempre atento. Achas que é deixar-te um bocadinho para ti? É isso a liberdade?

È melhor andar sempre em cima para nós melhorarmos.

Vamos a uma disciplina de sala de aula...achas que é também bom o professor andar sempre em cima de ti?

Não.

Então há aqui um contra-senso...

Porque não gosto de trabalhar tanto numa aula normal.

Para ti a aula de educação física não é uma aula normal?

È. Mas é diferente, é desporto. Liberta-se energia. Gosto de fazer as aulas de educação física.

Imagina a aula que menos gostas...

Português.

Achas que se a aula de português fosse dada na bancada do campo de futebol já era melhor? Achas que isso é liberdade? Já é melhor assim?

Acho.

Achas que é só pelo espaço? Só pelo simples espaço...

Acho.

Então achas que a educação física só é melhor pelo espaço?

Não.

Então porquê? Tem outra coisa para além disso? O quê?

Não sei. Mais liberdade...não tenho que estar sempre sentada.

Qual a maior diferença entre a aula de português e a de educação física?

Não sei. A professora está sempre a implicar com tudo.

E entre as restantes?

Educação física é desporto, nas outras temos que estar sempre atentos às aulas.

O puderes falar com os outros mais livremente...

Sim. Nas outras aulas a professora já nota.

Como deviam de ser dadas as aulas de educação física? Porque não fizeste natação?

Porque não me apetecia.

Acho que não é por isso...Tens vergonha?

Só somos duas raparigas.

É vergonha por serem só rapazes?

Sim.

De que forma poderias gostar ainda mais de educação física?

Mais empenho.

Achas que deviam ter mais horas de educação física?

Acho.

Todos os dias? Fazias?

Eu fazia.

Achas que era vantajoso para os CEF (Cursos de Educação e Formação)?

Sim acho.

Não sentes falta de motivação?

Não.

Para nenhuma modalidade?

Não. Gosto de todas.

E para as outras aulas? Tens falta de motivação?

Às vezes.

Para quais?

Matemática e português.

Porquê?

Acho que os professores não lidam bem com os alunos. Por exemplo, quando estou a falar com a Andreia, dizem logo que vamos lá para fora.

Por exemplo, o professor Fernando não vos sanciona, dá outro tipo de castigos...achas que é essa a melhor forma?

Acho.

Anexo 5 - Entrevistado A5

Para ti quais são as características de um bom professor?

Dar-se bem com os alunos, compreender os alunos, divertir-se com eles.

Gostas de um professor que interaja nas aulas? Que faça aulas? Ou não precisa de fazer? Ou só demonstrar o que pretende?

De jogar connosco.

Achas que o professor deve jogar sempre?

De vez em quando.

Qual o melhor professor de educação física que tiveste?

Os de este ano. Professor Pedro e Fernando.

Mas porquê?

Porque tem uma maneira diferente de resolver os problemas.

Porque vos ajuda? Ou porque quando os resolve é porque vos castiga ou recompensa?

Porque nos quer o bem e mais nada.

Tu gostas que ele resolva dessa forma? Dá um exemplo.

Por exemplo limpar a casa de banho.

Ele podia ter-te mandado para conselho pedagógico etc.

Ele achou aquela forma melhor.

E tu, achas melhor?

Acho.

Relativamente a aula, como achas que deviam de ser dadas as aulas?

Da maneira que estão a ser dadas. Da liberdade, gosto de tudo.

Achas que o professor deve ser sempre interventivo? Dizer e deixar-te fazer as coisas?

Sim, ensinar.

Achas que é essa liberdade? Deixar-te ser mais tu?

Sim.

Na questão dos jogos...gostas mais do jogo ou só ensinar as técnicas? Nós demos sempre em jogo, achas melhor?

Acho melhor.

Consegues resolver os problemas de outra forma? Dá-te mais liberdade?

Mais liberdade de aprender e tudo.

Quais os tipos de aulas que mais gostas na educação física?

Ao princípio não gostava de voleibol por causa da rede, mas agora gosto.

Mas porquê?

È fixe jogar, é diferente dos outros jogos.

Ao mesmo tempo não tens liberdade porque tens uma rede, não há contacto com o adversário mas podes fazer outras coisas...

Sim. Jogar com os colegas.

Ao nível da cooperação...ajudar-se uns aos outros é melhor?

Muito. Num jogo é sempre importante. O colectivo.

Relativamente à estrutura das aulas...Compara português numa sala de aula e educação física.

È muito diferente. Português não há tanta liberdade.

Mas não há porquê? Libertaste com o jogo?

Sim. Dá mais para libertar, para descontrair.

Qual a principal diferença entre as aulas de educação física e as restantes?

Menos stress, mais espaço...

Dá para te exprimires melhor?

Dá.

De que forma poderias melhorar o gosto pela disciplina?

Não dá. Já gosto muito mesmo.

Tu nunca faltas a educação física. E as outras faltas?

Falto.

Mas porquê?

Porque não gosto das matérias.

Tens falta de motivação?

Tenho. Muitas vezes.

Isso influencia a tua performance? A educação física nunca faltaste...não tens falta de motivação?

Não.

Donde deriva a falta de motivação? Dá um exemplo de uma aula.

Português.

Porquê?

A professora também não ajuda muito.

**Olhas para mim ou para o professor Fernando e vês-te nesse professor?
Na personalidade? Há uma ligação?**

Sim.

Há uma interacção entre o professor e o aluno?

Há.

O que podemos fazer para melhorar essa interacção? O professor deve gostar do que tu gostas?

Não é bem assim. Cada um gosta do que gosta. É a maneira de pensar diferente dos outros.

Anexo 6 - Entrevistado A6

Quais as características de um bom professor?

Que não seja chato, que seja amigo dos alunos que saiba ensinar e explique as coisas da melhor maneira.

Qual o melhor professor de educação física que já tiveste?

Este ano. Você ou o professor Fernando.

Mas porquê?

Porque sabem lidar connosco. Porque ouvem-nos, entendem-nos e aconselham-nos.

Achas que o professor deve partilhar dos mesmos gostos? Haver uma interacção?

Sim, amizade entre o aluno e professor. Se o aluno não sentir amizade do outro lado não vai ligar nenhum à aula.

Como achas que as aulas de educação física deviam ser dadas?

Assim estão bem.

Com jogos? Liberdade?

Alguma, também não temos a liberdade toda...

Vocês às vezes não sabem controlar a liberdade...

Pois não, às vezes pensamos que estamos em casa.

Que tipo de aulas mais gostas?

Aulas muito práticas. Como estamos a fazer agora, voleibol, ginástica...

Qual a aula que menos gostas?

Português.

Porquê?

Por causa da professora. No ano passado tinha boa nota a português e este ano tenho 1.

Mas porquê é que isso acontece?

A professora. Ela não me inspira confiança. Eu olho para ela e vejo uma pessoa traiçoeira que a nossa frente diz uma coisa e nas reuniões diz outra. Não há nenhuma relação de amizade.

Mas se a aula fosse dada ao ar livre, com jogos seria melhor, mais interessante?

Não. É mesmo a professora. Se calhar se fosse você a dar a aula já ia gostar...

Relativamente à aula de educação física e as restantes qual a principal diferença que encontras?

É mais prática. Já pastelaria é prática mas não é igual. É preciso ler muito antes, aqui é mais explicar e fazer.

Achas que o professor de educação física consegue levar o aluno a perceber através de jogos?

Através da fala. Se o professor explicar bem os alunos fazem minimamente aquilo.

No voleibol nós fomos dando as regras ao longo do jogo...em pastelaria é assim?

Não. É mais interessante ir praticando e aprendendo a teoria ao mesmo tempo.

Gostas de educação física?

Sim.

O que poderia melhorar?

Aprofundar mais a ginástica.

Relativamente ao caso dos CEF achas que era bom dar modalidades alternativas tipo karaté, etc?

Sim era bom. Porque isso é sempre preciso pagar...aqui na escola tinha futuro.

Sentes falta de motivação para as aulas?

Educação física? Não!! Antes tinha muito porque era piscina e eu numa piscina gosto de fazer o que me apetece não gosto de ser mandado.

Nos outros anos tinhas falta de motivação porque?

Portava-me mal e não fazia as aulas.

E para as outras disciplinas?

Detesto estudar. Escola em si não gosto.

Até agora era só português que gostavas menos...

Português é mais aprofundado. Para mim não existe essa disciplina, não está no horário. Eu preferia mil vezes trabalhar.

Mas porquê?

Porque aqui tenho que aturar os professores, acordar cedo e chego ao fim e não recebo dinheiro. A trabalhar aturava o patrão mas recebia dinheiro.

É só por dinheiro?

Sim. É por dinheiro.

Mas não achas que a escola te podia dar uma melhor qualidade de vida?

Sim, se tivesse o 12º de certeza que ia ter um melhor emprego.

Mas achas que é um problema da escola? De estruturação?

Não. O problema é mesmo meu, não tenho paciência para a escola.

